LYGIA BOJUNGA



O SOFÁ ESTAMPADO

O Sofá Estampado

Lygia Bojunga



LYGIA BOJUNGA

Lygia Bojunga nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul; ainda criança se mudou para o Rio; há vinte anos mora um pedaço do seu tempo em Londres (é casada com um inglês) e considera o Rio de Janeiro o seu chão verdadeiro. Trabalhou como atriz, tradutora e autora em rádio, teatro e televisão. Escreveu vinte livros. Teve traduções em dezenove idiomas. Foi a primeira escritora, fora do eixo Europa-Estados Unidos, a ganhar o Prêmio Hans Christian Andersen, o mais prestigioso prêmio internacional do gênero, conhecido como o Prêmio Nobel da literatura voltada para crianças e jovens. Em 2002 Lygia publicou RETRATOS DE CAROLINA, inaugurando a Editora Casa Lygia Bojunga. A editora foi criada com a intenção de reunir na Casa os personagens da autora.

Em abril de 2003 a Casa recebeu mais moradores: A BOLSA AMARELA, A CASA DA MADRINHA e CORDA BAMBA, três dos livros de Lygia Bojunga que se tornaram clássicos da literatura infanto-juvenil brasileira. Depois veio TCHAU, único livro de contos da autora. No começo de 2004 chegou ANGÉLICA, obra de ficção que tem num dos capítulos uma peça completa de teatro, e que -como os livros anteriores foi recipiente de importantes prêmios. Em seguida veio OS COLEGAS, o primeiro livro escrito por Lygia. E houve festa na Casa pra comemorar as cinqüenta edições daquela obra. Na entrada do outono O MEU AMIGO PINTOR chegou. A trajetória deste livro é contada pela autora num texto recém-escrito: Pra você que me lê, que passou a fazer parte do livro. Agora neste mesmo outono, aparece O SOFÁ ESTAMPADO, uma das

obras mais premiadas de Lygia Bojunga. LYGIA BOJUNGA

©LYGIA BOJUNGA
O SOFA ESTAMPADO
Motivos Decorativos:
Vilma Pasqualini
epub: armazémCultural
31a Edição
1ªreimpressão
2005

PARA PETER

Sumário

O Sofa Estampado
O Buraco
As Cartas De Amor E O Caramelo
Conversa De Casamento
Os Engasgos
Se Essa Rua Fosse Minha…
O Vítor Resolve O Que Que Ele Vai Fazer Quando For Grande
O Presente De Formatura (metade Só)
A Vó Do Vítor
Os Dois Encontros
A Carta E O Bilhete
O Presente De Formatura (a Outra Metade)
A Dalva
A Entrega Da Medalha
Uma Conta Aflita De Somar
A Dona Popô
Z De Zoológico
A Pôzinha Sai Do Zôo De Cabeça Levantada, Sem Ter Que Fugir Nem Nada
A Pôzinha Vê De Perto Um Jeito Diferente De Viver
O Inventor E A Banheira
O Reencontro
Vida Nova Na Tv
O Engasgo Do Vítor Vai De Mal A Pior
O Vítor Sonha Cinzento
O Vítor Acaba Ficando Com Uma Coisa Que Sempre Foi Dele

O Sofa Estampado

Era pequeno, tem só dois lugares. E fica perto da janela. Pro sol não desbotar o estampado, a Dona-da-casa fez uma cortina branca, fininha e toda franzida; no fim de atravessar tanto pano, a luz entra cansada na sala, clareando tudo de leve.

É só passar pelo sofá que a Dona-da-casa começa: ajeita um almofadão, estica a ponta do tapete, arruma a cortina na janela, anda pra trás pra ver o efeito, e aí suspira contente "é uma graça!".

E é. O sofá estampado é uma graça. Gorducho. Braço redondo. Fazenda bem esticada. Mais pra baixo que pra alto. Mas o melhor de tudo — longe, nem se discute — é o estampado que ele tem: amarelo bem clarinho, todo salpicado de flor; ora é violeta, ora é margarida, e lá uma vez que outra também tem um monsenhor.

O resto todo da sala foi arrumado pra combinar com o sofá: poltrona verde-musgo, tapete marrom, espelho redondo pra botar na parede branca um pouco do estampado, e mais isso e mais aquilo, e mais a Dalva também. Porque o sofá estampado não é só ele e pronto: é ele e a Dalva.

De vez em quando a Dalva levanta o pescoço querendo se ver no espelho; ela sabe que é tão bonita, ainda mais sentada no sofá estampado. Mas é só muito de vez em quando: o resto do tempo ela vê televisão. Colorida. 24 polegadas. Controle remoto. Do lado, uma jarra com flor.

Na parede também tem um quadro que a Dalva nunca lembra de olhar; e um relógio que bate gostoso mas que ela não lembra de escutar. Lá pelas tantas chega o namorado da Dalva, o Vítor. Vai direto pro outro almofadão do sofá.

-Oi.

-Oi

E aí passam um tempão sem falar. A Dona-da-casa às vezes espia da porta pra ver se os dois estão vendo tevê. Estão. Ela vai embora. Mas não estão. Quer dizer, a Dalva está, o Vítor, não: ele não tira o olho da Dalva, mas ela nem repara: o olho grudado na televisão.

O Vítor é um tatu e a Dalva é uma gata angorá.



O Buraco

Teve gente que achou esquisitíssimo uma gata angora namorar um tatu, e os dois ficarem assim tanto tempo num sofá estampado, ainda mais com a tevê ligada.

"Pensando bem, tem coisa muito mais esquisita." Foi o que a Dona-da-casa falou quando começaram a comentar o caso. E botou uma pedra no assunto. E não quis saber de fofoca. E achou melhor não contar pra ninguém o choque que ela tinha tido quando um dia entrou na sala, deu de cara com o Vítor, e a Dalva anunciou:

"Esse é o meu novo namorado."

Que choque! E claro que ela queria pra Dalva um namorado bem angorá, mas, já que a Dalva não queria, pelo menos ela queria pra Dalva um namorado assim... sabe como é que é, não é? assim... como é mesmo que ela ia explicar?... assim, feito, ah, ela não sabia explicar direito, mas um bicho diferente do Vítor. Não era por causa do focinho comprido, não, de jeito nenhum! Nem por causa da carapaça. Ela não usava vestido? a Dalva não usava pêlo? então? por que que o Vítor não podia usar carapaça? Claro que podia, ué, cada um usa o que quer e pronto. Mas o problema era o jeito do Vítor, é isso: o jeito. Não é que ele fosse mal-educado não, que o quê! até que ele era um tatu muito delicado: mal ela entrava na sala, ele logo pulava do sofá pra cumprimentar, e como sabia que ela jogava na loteria esportiva dava sempre um palpitinho. Errava toda semana. Bom, mas, afinal de contas, ninguém tem obrigação de saber se vai dar zebra ou não, e isso não tinha nada que ver com o problema nem com o choque que ela teve quando deu de cara com o Vítor, e a Dalva anunciou: esse é o meu novo namorado. E que quando ela entrou na sala a Dalva estava vendo televisão e o Vítor cavando o sofá

estampado. Ca-van-do. Ele tinha levantado o almofadão e estava cavando o assento bem dentro de um monsenhor. Um buraco redondinho, uma coisa muito bem feita, mas assim mesmo o choque foi tão grande que ela gritou: "Ai, meu sofá!"

O Vítor deu um pulo de susto, jogou o almofadão pra cima do monsenhor, ficou com cara de ver televisão, a Dalva foi logo dizendo esse é o meu novo namorado e o Vítor deu um cumprimento tão bem-educado que ela ficou meio sem jeito e não teve coragem de pedir: com licença? e levantar o almofadão e ver mesmo se era mesmo que ele tinha cavado o sofá.

Mas, assim que ele saiu, ela correu. Jogou a almofada pro lado. Ah, então era mesmo! já tinha até mola aparecendo no buraco do estampado.

- Olha, Dalva, olha!

A Dalva olhou bem depressa: estava vendo novela.

— Pois é.

— Como é que você deixou ele cavar o sofá assim?

A Dalva arregalou o olho, enfiou um caramelo de gato na boca, mastigou depressa: tinha chegado uma carta anônima na casa da mocinha.

Mas, hem, Dalva?

Hmm?

O sofá. Você não viu ele cavar?

Vi. Olha, olha, a carta vai dizer que ela pensa que é filha deles, mas não é.

E como é que você não disse nada?

Olha a cara dela, olha, ah! pasta de dente outra vez. Tá vendo só? usando essa pasta a cárie vai embora; a gente tem que comprar essa pasta.

Dalva.

Hmm.

Como é que você deixou ele cavar o meu sofá?

Ele é tatu...

Mas tatu não tem que cavar o tempo todo, Dalva! E não tem, de jeito nenhum, que cavar um sofá que não é dele.

O Vítor tem. Olha só como a pequena desse cara é bonita.

Dalva...

Olha a casa dele, que bacana. Nossa, quanto empregado! Olha o

carro dele, olha, olha. Ah, e o Vítor que não fuma! ele nunca vai ter uma casa assim, nem um carro assim, nem... — o caramelo grudou o dente de cima no de baixo e a fala trancou.

Dalva, quer fazer o favor de me explicar por que que o Vítor tem que cavar?

A Dalva fez força com a boca. O caramelo foi esticando, afinando, esticando, afinando, estourou.

Bateu o nervoso, ele cava.

Nervoso por quê?

Sei lá.

A Dona-da-casa viu que não adiantava perguntar mais nada. Botou a toalha no sofá e foi preparar o jantar.*

Durante o jantar a Dona-da-casa não parou de olhar pro sofá. Até que, lá pelas tantas, ela resolveu suspirado:

"Bom, tem gente que rói unha, tem gente que estala dedo; o Vítor cava: paciência."

E quando no fim de tudo a tevê disse boa-noite e a Dalva foi dormir, a Dona-da-casa só pediu uma coisa:

— Escuta, meu bem, vê se ele não cava demais, sim?

E daí pra frente, era só o Vítor ir embora que ela ia correndo levantar o almofadão do sofá: será que o buraco tinha aumentado? Tinha. Mas sempre muito bem feito, sem farelinho de pano, sem nada.

* Faz tempo que a Dalva come olhando pra tevê, mas às vezes ainda erra o prato e entorna uma coisinha ou outra.



As Cartas De Amor E O Caramelo

Dona-da-casa tinha a mania do combina: o sapato precisava combinar com o vestido, "ih, que horror, esse vestido não combina com a poltrona, deixa eu ir lá trocar de roupa antes de vir me sentar", a cortina tinha que combinar com o tapete, a poltrona com o sofá, a flor na jarra tinha que combinar com os dois, e se uma coisa não combinava com a outra a Dona-da-casa tinha dor de cabeça, e no dia que a Dalva anunciou esse é o meu novo namorado, o choque do buraco foi quase tão grande quanto o choque do descombina: se tinha coisa que não combinava era o Vítor com a Dalva; e pior: o Vítor com o sofá estampado.

Há muitos anos que a Dona-da-casa tinha resolvido que o bicho que combinava mais com a sala era gato. Só que não podia ser qualquer um, tinha que ser angorá. E também não podia ser gato, tinha que ser gata: a Dona-da-casa achava que gata espreguiçava mais bonito e sentava ainda com mais graça no sofá. Quando uma gata morria, ela comprava outra (e sempre a mais bonita que tinha); tratava elas feito gente, mimava até não poder mais, ensinava boas maneiras, mostrava como é que a cauda tinha que ficar, ensinava a ler e escrever, dava pra gata cada livro bom mesmo, só que com a Dalva não adiantava dar livro nenhum porque o que a Dalva curtia mesmo era ver televisão.

O Vítor, que no princípio não sabia dessa história da Dalva não agüentar leitura, logo que começou o namoro desatou a escrever carta de amor pra ela.

A primeira carta que chegou a Dalva abriu e leu.

A segunda, a Dalva abriu, leu e desabafou pra Dona-da-casa-e-dela:

— Não tem figura. Não tem anúncio. Não toca música. Só tem letra, que

troço difícil!

A terceira, ela ainda achou mais difícil (o Vítor queria dizer muita coisa e espremeu um pouco a letra); só leu pela metade.

A quarta, ela abriu, espiou, viu que continuava só tendo letra e enfiou a carta lá pra dentro do sofá estampado.

As outras que foram chegando ela não abriu mais. Ia enfiando tudo pra dentro do sofá.

O Vítor chegava pra visita, ficava olhando pra Dalva, suspirava apaixonado e perguntava baixinho:

Gostou da carta, Dalva?

A-do-rei.

Não vai responder?

— Responder o que, ué. Quer? - e oferecia um caramelo.

Só uma vez o Vítor aceitou. Logo no princípio do namoro. Mas o caramelo e o focinho comprido se estranharam, um grudou no outro. Foi uma luta medonha pro Vitor conseguir tirar o caramelo da ponta do focinho e fazer ele entrar na garganta, aquilo não era coisa pra tatu, não passava, a vontade era botar o caramelo pra fora, mas o Vítor achou que a Dalva podia ficar chateada de ver ele cuspindo longe o caramelo que ela tinha dado pra ele e então fez força pra engolir, mas o caramelo prendeu na garganta, quem diz que descia, entalou tão entalado que não ia nem vinha, o Vítor começou a sufocar, já não dava mais pra falar, o bom era enfiar a pata na garganta, mas uma era tão longe da outra! foi ficando desesperado, se sacudiu todo pra ver se sacudia o caramelo também, jogou a almofada longe, desatou a cavar feito doido, e lá pelas tantas berrou de aflição e de dor de morrer assim tão moço e ainda mais por causa de um caramelo de gato. A Dalva fez psiu.

Mas com o berro o caramelo saiu. O Vítor ficou respirando forte, exausto, e quando o susto passou ele quis desabafar:

— Dalva, imagina o que que aconteceu...

— Deixa esse anúncio acabar.

Mas quando o anúncio acabou, veio outro e mais outro, e o Vítor acabou não contando nada. E todo dia a Dalva oferece caramelo:

Quer?

Não, obrigado.



Conversa De Casamento

-Oi

-Oi.

O Vítor sentou no sofá estampado e ficou olhando com força pra Dalva. Depois de muito tempo ela percebeu e deu uma piscadinha pra ele.

Você recebeu a minha carta, Dalva?

A-do-rei.

E daí?

O quê?

Dalva, olha pra mim.

Psiu.

A gente tem que falar do casamento.

Quando acabar a novela.

O Vítor foi ficando nervoso; foi sentindo na unha uma vontade de cavar. Respirou fundo:

Escuta, Dalva, mês passado você disse que semana passada a gente ia combinar o casamento; semana passada você disse que esta semana; quando começou a semana você deixou pra resolver ontem; ontem você deixou pra resolver hoje; hoje você diz pra esperar o fim da novela.

Olha aí, não te disse que a gente tem que morar no endereço certo?

Tem que morar onde?

Mas olha, Vítor, olha!

Pra onde?

Pra televisão!

Tô olhando, que que tem?

Agora já passou, ah! Eles estavam mostrando o endereço certo. Pra ter

status a gente tem que morar onde eles mostram.

Dalva, olha pra mim.

Hmm?

Escuta...

Ai, não aperta a minha cauda assim...

Dalva, escuta, com você eu moro em qualquer endereço, mas quando é que a gente casa, me diz, me diz!

Pronto, começou. Só quero ver se eles vão fazer as pazes.

Dalva.

Agora fica quietinho.

Dalva, você tinha prometido que a gente ia resolver esse negócio hoje.

Psiu.

Dalva, olha pra mim, escuta.

Pára, sim!

DALVA!

PSIU!

O Vítor ficou nervoso que só vendo. Até quando ele ia ter que pedir, implorar: Dalva, olha pra mim?! Empurrou o almofadão, foi se enfiando pelo buraco adentro, a unha o olho a pata procurando um chão pra cavar. Foi passar entre duas molas, não deu, a carapaça prendeu no arame, o nervoso aumentou, todo dia olhando pra Dalva, querendo juntar trapinho, pedindo, implorando, Dalva, casa comigo! e a Dalva naquela coisa: é hoje, é amanhã, é depois; a Dalva estava era enrolando ele, era isso! e se tinha coisa que ele não agüentava era ser enrolado assim desse jeito. Fez força, entortou a mola, passou. Era escuro lá dentro do sofá: pano que fazia de teto, pano que fazia de chão, mola, tachinha, fiapo, tudo meio marrom. Mas ele já tinha cavado buraco muito mais escuro que dentro-de-sofá, via tudo muito bem. Entortou uma outra mola pra passar e foi cavando o pano do chão.

De repente, sentiu que do outro lado a coisa não era assim tão marrom. Parou de cavar. Que tanto branco era aquele, caído lá de cima, escorregado pelo canto? Olhou bem. Olhou de novo. O coração foi batendo mais devagar, sem pressa nenhuma de sentir o que que o olho tinha visto. Cavou mais pano; se espremeu; chegou junto do primeiro branco. E aí desdobrou o papel e leu a carta que ele tinha mandado pra Dalva.

Do lado tinha três envelopes abertos com papel saindo pra fora. Mas depois não vinha mais papel nenhum: só envelope fechado. Só envelope fechado. Só envelope fechado. Será que mais nenhuma? "nunca mais a Dalva abriu carta nenhuma?". O olho ficava olhando, querendo achar um pedaço descolado, uma janela, uma frestinha: se a Dalva não estava a fim de ler a carta, podia pelo menos querer ver a letra dele, não podia? Mas cada envelope que ele pegava estava igualzinho como ele tinha mandado. E a unha já ia arranhando, já ia vendo se cavava o envelope que o olho olhava, que a pata pegava e jogava no chão.

E depois que não sobrou mais branco nenhum pra olhar; e depois que o chão do sofá se tapou de tudo que a Dalva não quis saber, o Vítor baixou a cara e desatou a cavar. Depressa; com toda a força; quem sabe cavando com força ele acabava esquecendo da Dalva?

Cavou o pano que fazia de chão; saiu no tapete da sala, cavou. E cavou o forro que tinha por baixo, e foi cavando o taco que apareceu, e a gana de cavar era tão grande que quando acabou o taco e começou o cimento ele não parou: cavou também. Parecia que assim, de mágoa dentro, a unha ficava mais dura, muito melhor pra cavar, e ele foi cavando e cavando e cavou. E depois que acabou o cimento e veio a terra ele continuou do mesmo jeito, se enfiando cada vez mais fundo no túnel que ele ia fazendo, sem nem parar pra pensar onde é que o túnel ia dar. Cavou até gastar toda a força e muita mágoa, nem sabia quanto tempo. Cavou tão fundo, que foi dar no tempo que ele era tatu-criança.



Os Engasgos

O Vítor voltou pro passado numa terça-feira de manhã. Ele estava na segunda série, e as férias tinham recém-acabado.

Ainda era verão na floresta onde ele morava; toda tarde chovia; a terra sempre molhada cheirava bom toda a vida e fazia o mato crescer cada hora. Cigarra gritava de contente. Formiga andava pra todo lado. E o Vítor ficava horas a fio de olho comprido pras árvores: tudo tapado de folha nova e de flor roxa, amarela e branca. Ele só largava de namorar árvore pra olhar o musgo que tapava um caminho, ou pra ver uma florzinha rasteira que no inverno sumia do chão e que agora aparecia outra vez. Ou então pra espiar um sabiá cantando, ou pra ficar pensando num bando de periquitos passando, ô coisa boa de ver!

E então, na terça-feira de manhã, o Vítor saiu pra escola cedinho e pegou o caminho mais comprido, só pra ir curtindo mais comprido tanto cheiro gostoso e tanto canto no ouvido e tanta coisa pra ir vendo, querendo lembrar "quem foi que me ensinou a gostar assim do mato? ou quem sabe isso é coisa que tatu já nasce gostando?". E lá foi ele pensando, sem nem poder imaginar o que que ia acontecer na aula de português.

Dez horas. Aula de português. O Vítor muito bem lá no lugar dele.

Quando o Vítor entrou pra escola escolheram o lugar dele: primeira fila. Ele perguntou se podia trocar. Só que em vez da pergunta saiu um espirro. A professora respondeu saúde! e ele ficou na primeira fila: encolhido, cara baixa. No outro dia já entrou encolhido. Disse bom-dia bem baixinho (ninguém ouviu) e se mudou pra segunda fila: baixinho também. E daí pra frente foi se mudando cada vez mais baixo e cada vez mais pra trás. Acabou chegando numa árvore que marcava o fim da classe. Deslizou pra trás do tronco; se ajeitou; entortou a

cara pra espiar o que que estava acontecendo na aula. Quando o olho da professora chegou perto da árvore, a cara desentortou.

Entortou.

Desentortou.

Entortou.

Desentortou; o tempo passou. E de tanto ninguém ver o Vítor, parecia que todo mundo tinha se esquecido do Vítor.

Foi por isso que ele não podia imaginar, na tal terça-feira de manhã, que a professora ia dizer:

"Hoje vamos estudar uma poesia da Cecília Meireles. E quem vai recitar a poesia pra nós é o Vítor."

Pois é. Mas disse. E o Vítor não se mexeu. Mas o coração bateu esquisito e a cabeça teve que fazer depressa uma conta de somar:

Primeira parcela — ele era o único Vítor da classe.

Segunda — ele tinha sido esquecido. Resultado — ele tinha ouvido mal. Respirou aliviado.

Durante um tempo só se ouviu silêncio. Mas depois o Vítor ouviu a voz da professora chamando:

-Vítor!

Ficou quieto.

-Vítor!

Entortou a cara; espiou devagarinho; encontrou o olho da professora e tomou um susto. Viu que não dava pra ficar sem dizer nada:

-Eu?

-Você, sim.Vem cá.

Onde?

Ora, Vítor, vem cá!

Ele foi. Tão devagar, que parecia que não ia chegar nunca mais.

- Sabe, Vítor, eu ouvi dizer que você gosta de poesia.

Ele olhou pra uma formiga no chão.

— E eu soube também (não vou dizer quem é que me contou, hem?) que você sabe de cor o "Ultimo andar". Eu quero que você recite essa poesia pra nós. — Bateu palmas:

— Atenção, silêncio! O Vítor vai recitar. Sobe aqui, Vítor; sobe aqui pra

todo mundo poder olhar bem pra você.

O Vítor se encolheu todo.

— Vamos, meu filho, anda, sobe. Ele subiu. E ficou procurando outra formiga pra olhar.

— Então, Vítor, vamos.

Nada.

— Esqueceu a poesia; Ele sacudiu a cabeça.

— Mas então começa de uma vez. Ele suspirou.

— Começa, Vítor! Ele começou:

— "No último andar é mais bonito, do último andar se vê o mar. É lá que eu quero morar."

— Ah, Vítor, baixinho assim não dá, meu filho: ninguém escutou nada.

Ele ficou olhando pro chão.

—Vamos de novo.

"No último andar é mais bonito..." Um ouriço perguntou:

No último andar o quê?

O Vítor começou a sentir a garganta coçando. Pronto! ele já ia se engasgar, quer ver?

"Do último andar se vê o mar."

Mais alto, Vítor, mais alto!

O Vítor começou a sentir uma vontade danada de sumir. Limpou a garganta. Será que não dava pra sumir?

— "É LÁ QUE EU QUERO MORAR."

— Isso, Vítor, agora sim! Agora sim, todo mundo ouviu direito, até que enfim! Ótimo, meu filho, ótimo. Mas por que você parou? Não pára, não pára, vai em frente.

— O último andar é..." — Mas, em vez de ir em frente, o "andar é" deu pra trás, bateu no muito longe" que já ia saindo; o resto que vinha vindo foi tudo batendo também, deu um engarrafamento medonho na garganta do Vítor, ele se engasgou todo e desatou a tossir. Uma tosse que vinha lá do fundão dele e sacudia o corpo, o focinho, botava a cara vermelha, o olho meio fechado, pingando lágrima no chão (ô! mas que vontade de sumir).

E quanto mais a professora dava conselho e dava água e dizia pra ele respirar fundo e mandava um aluno ir buscar correndo uma folha de palmeira

pra abanar o Vítor bem grande, mais o engasgo aumentava.

Não foi doença, nem atropelamento, nem batida em árvore; o Vítor já nasceu assim mesmo: com um talento danado pra se engasgar.

Não era tatu de fazer manha; não era tatu de emburramento, e mesmo quando não estava a fim de uma coisa ficava sempre meio sem jeito de dizer não.

Por exemplo: se tinha bicho que ele não gostava era uma tal de Dona Rosa que, de vez em quando, aparecia pra uma visita. E era só ela aparecer que, pronto: a mãe do Vítor ia buscar ele no quarto:

— Vem cumprimentar a Dona Rosa, meu filho. Mas não fica olhando pro chão sem dizer nada, viu? Pergunta pelos filhos dela, pergunta se o marido vai bem.

E lá ia ele. Se arrastando de tanto que não queria enxergar a tal da Dona Rosa. Mas ia. Do quarto pra sala a mãe ia recomendando:

— Encolhe o focinho. Aperta a pata dela de leve: tatu educado não aperta pata com força.

E ele encolhia, não apertava, essa parte ele fazia certinho. Mas aí a garganta coçava. A fala saía baixinho e de mau jeito:

- Boa tarde, Dona Rosa, os filhos do marido da senhora vão bem?

A tal da Dona Rosa fazia cara-de-não-escutou; a mãe fazia olho-de-fala-mais-alto! Ele gritava:

- Boa tarde, Dona.... - Mas o Rosa empacava na saída, os filhos do marido da senhora iam batendo, caindo uns por cima dos outros, e o Vítor aí se engasgava de um jeito que só vendo.

A tal da Dona Rosa ficava na maior aflição: "ele vai sufocar!"; a mãe logo tapava a cara pra não ver; e o pai andava de um lado pra outro procurando na casa toda uma razão "pra esse menino se engasgar assim".

Mas às vezes o Vítor passava um tempão sem tossir. E quando a mãe ia achando que ele já estava curado, ele tinha uma recaída e voltava a se engasgar à toa, à toa. Era só a mãe mandar ele pedir uma informação na rua: "Vítor, pergunta pr'aquele moço se ele acha que vai chover." Ou o pai chamar pra apresentar ele ao sócio: "Nós somos muito amigos, viu, Vítor? de modo que você agora também tem que ser muito amigo do filho dele." E pronto: começava a tosse.

E depois, quando o Vítor foi crescendo, crescia unha, crescia focinho, crescia placa, crescia o grande sonho do Vítor: quem sabe o engasgo não crescia? Mas cresceu: a tosse ficou mais funda, a cara deu pra ficar toda roxa, e o Vítor começou a andar meio encolhido: vai ver, ele se encolhendo, o engasgo encolhia também. Tipo da coisa que não deu certo: o corpo habituou a andar encolhido, mas o engasgo não.

Levaram ele a uma porção de médicos. Um disse que era coluna, outro falou que era falta de vitamina, o outro mandou ele ir pra escola: "Isso é falta de amigos, de colegas! Botem ele no meio de uma porção de companheiros que ele não vai mais se engasgar."

E o Vítor fez ginástica pra coluna, tomou um monte de vitamina, foi pra uma escola de horário duplo pra ainda ter mais companheiros. Continuou se engasgando igualzinho. E uma noite acordou com a mãe chorando e desabafando pro pai:

— Você precisava ver o acesso de tosse que ele teve lá na festa de aniversário da filha da Dona Rosa. E logo na hora de cantar o Parabéns pra Você.

— Tá vendo? não dá pra entender: às vezes ele passa o dia inteirinho aí no quarto cantando e não se engasga.

—Tô achando que ele não se dá bem nesse clima. Quem sabe morando perto do mar... —Tatu é bicho do mato!

Mas já pensou se ele não se cura?

Acho melhor não pensar.

É capaz até de não poder casar: na hora de namorar vai se engasgar.

Isso é o de menos! O pior é o meu negócio: está indo às mil maravilhas.

E isso é pior?

Claro que não! Mas eu estou criando essa indústria de carapaças de plástico pro Vítor: quando ele se formar já tem um trabalho pronto esperando: é só continuar.

Você é um pai tão bom!

Mas, se ele não se cura, não vai adiantar eu ser bom. Como é que ele vai fazer negócios, vender carapaças, convencer clientes, falando baixinho desse jeito e volta e meia se engaSgando? Acaba botando o meu negócio todo por água abaixo. — Que horror.

O Vítor enfiou a cara debaixo do travesseiro pra não ouvir a mãe chorando de novo. E fez uma conta de somar:

Primeira parcela — se eu me engasgo, todo mundo fica aflito.

Segunda — o bom é não me engasgar.

Terceira — mas, já que eu me engasgo...

E passou o risco pra somar. Empacou. Levou um tempo danado pra fazer a tal conta. Já tinha sol nascendo quando ele chegou ao RESULTADO: se ninguém ve o meu engasgo, ninguém fica aflito.

E o Vítor então deu pra sonhar de sumir na hora de se engasgar. Realizou o sonho na tal teyça-feira de manhã quando se engasgou no ultimo andar" e o colega voltou correndo com uma bruta folha de palmeira e a classe toda agarrou a folha pra abanar o Vítor e a professora foi mandando:

— Movimentos ritmados!

Movimentos ritmados!

Mais forte!

Mais forte!

De repente, a unha do Vítor desatou a cavar tão depressa, que num instantinho unha, focinho, rabo, o Vítor sumiu no buraco, fazendo pela primeira vez o que a Dalva tinha explicado pra Dona-da-casa: bateu o nervoso, ele cava.

A classe ficou parada segurando a folha de palmeira, pensando se era mágica ou terra mole de chuva que tinha feito o Vítor sumir tão depressa. A professora disse:

— Ele vai voltar.

A classe esperou; o Vítor não voltou. A professora chamou "Vítor! Vítor!". Nada. Ela ficou aflita:

— Lá embaixo é um breu; imaginem ele engasgado lá, sozinho.

A classe se assustou com aquele engasgo sem luz. Todo mundo foi enfiando a cara no buraco querendo ver se tosse escura era pior. Um foi arregalando o olho pro outro:

— Não tem barulho nenhum aí dentro do buraco.

A professora acabou mandando outro tatu ir ver o que que estava acontecendo. O tatu demorou toda a vida. Voltou de ruga na testa dizendo que o Vítor tinha cavado um túnel compridíssimo.

E cadê ele?

Tá lá. Bem no fim.

Fazendo o quê?

Nada.

E o engasgo?

Passou.

Ele não vai voltar?

Não falou.

Mas ele tá bem?

Tá.

E pretende ficar lá embaixo?

Não sei.

Você não disse que eu estou chamando?

Falei.

E ele?

Ficou quieto.

Não respondeu?

Ah, falou, sim.

Disse o quê?

Que tá numa boa.

O quê?

Tá numa boa.

A classe olhou pra professora. A professora olhou pro buraco.

Tá numa boa como?

Ah, isso eu não sei.

Ele não explicou?

Não.

A classe olhou com mais força pra professora. Ela suspirou:

— Bom... — Ficou olhando pra folha de palmeira e depois disse: — É... — E depois ainda ela falou: — De momento vamos deixar a coisa assim.

Se Essa Rua Fosse Minha…

Assim que o Vítor se enfiou na terra, a tosse parou. Mas ele continuou cavando e cavando. A voz da professora foi ficando lá longe e sumiu. Aí o Vítor viu uma. escada.

Vinha luz lá do alto da escada; e dava pra ver um pedaço de céu cinzento. O Vítor' foi subindo os degraus devagar. Cada vez mais devagar: estava com medo de ver onde. é que a escada ia dar. Quando chegou no alto, espiou primeiro bem depressa e tirou logo a cara. Só depois é que olhou de novo pra espiar bem espiado.

Era uma rua meio estreita que vinha descendo de longe; de vez em quando uma árvore. Não tinha carro; não tinha ninguém na janela; só muito de vez em quando passava uma folha que o vento ia arrancando.

Não tinha edifício alto; não tinha barulho nas casas. Mas a hera subia em tudo que é muro; o limo de muita chuva tinha ficado nos telhados; e à vezes, juntinho da porta, alguém tinha plantado um jasmim.

Não tinha porta nem janela aberta. Mas tinha na rua toda uma impressão de que lá no fim — de repente — alguém ia aparecer.

E o Vítor então, com medo e tudo, saiu pra rua e esperou. Esperou. Começou a se lembrar de uma cantiga que a mãe cantava pra ele dormir: "Se essa rua, se essa rua fosse minha..." Quis lembrar do resto mas a memória empacou: se essa rua fosse minha ficou repetindo e repetindo, até que lá pelas tantas o Vítor começou a achar que aquela rua era dele. Andou um pouco na ponta da pata. Subiu num jasmim-trepadeira e espiou o vidro de uma janela: ninguém. Ninguém mais morava ali, a rua era só dele!

Mas então, se a rua não era de mais ninguém, era dele, não tinha campainha pra tocar; não tinha licença pra pedir; não tinha nem que ter medo

de sair dançando e pulando, e ele dançou e pulou, mas aí parou: tinha na rua toda uma impressão de que lá no fim — de repente — alguém ia aparecer. - Vítor! Vítor!

O Vítor saiu correndo quando ouviu a voz do tatu-colega. Despencou escada abaixo. O coração atrapalhado; o pensamento também: contava ou não contava que tinha descoberto uma rua de ninguém? E de pura atrapalhação rolou do penúltimo degrau, ficou ali mesmo no chão.

O colega perguntou uma porção de coisas. O Vítor foi respondendo uma palavrinha aqui, outra ali, só pensando se falava na rua ou não, e achando muito esquisito o colega não olhar pra escada nem pra luz que vinha de cima. E acabou ficando tão aliviado do colega não perguntar onde é que a escada ia dar, que no fim acabou dizendo:

— Tô numa boa.

Assim que o colega foi embora, o Vítor se virou pra escada. Não tinha mais. E não tinha mais luz, nem pedaço de céu aparecendo, não tinha mais nada. O Vítor ficou maluco. Saiu cavando pra todo lado, cavou pra baixo e pra cima, cavou o resto do dia. Não adiantou: a rua-que-era-dele já era. E já era também de noite quando o Vítor desistiu de procurar e saiu do túnel. A escola estava fechada, e o pai e a mãe do Vítor andavam na maior preocupação, perguntando pra todo mundo que fim o Vítor tinha levado.

E aí, no outro dia, na outra semana, e até no outro mês, o Vítor não fez outra coisa senão procurar a rua. Na escola, quando chegava a hora do recreio, ele ficava fingindo que estava estudando, mas só estava esperando todo mundo sair. E era só ficar sozinho que ele saía procurando o lugar que ele tinha cavado naquele dia. Achava. Cavava. Saía no mesmo túnel. Só que não tinha mais escada nenhuma.

O tempo foi passando. E, de tanto nunca mais achar a rua. o Vítor acabou se esquecendo dela.

O Vítor Resolve O Que Que Ele Vai Fazer Quando For Grande

Um dia o Vítor foi ao cinema. O filme mostrou uma praia vazia lá na Bahia; só gaivota passando e, de vez em quando, gritando. O olho do Vítor foi indo atrás da gaivota até ela mergulhar no mar; e aí só ficou olhando a água subindo sozinha e passando de azul pra branca antes de cair na areia.

Mas será que era mesmo?

E a água subiu de novo e foi ficando branca de novo, e caiu na areia outra vez. O Vítor nem via mais nada que o filme mostrava,só olhando pra ver como é que a onda fazia, "puxa, como é que pode?!".

Mudou de lugar, foi pra primeira fila, quem sabe de mais perto dava pra entender como é que a água subia daquele jeito antes de se jogar na praia? Não deu.

O filme acabou e o Vítor resolveu: "Quando eu for grande eu vou até lá. Pra ver direito como é que é."



O Presente De Formatura (metade Só)

E o Vítor ficou grande. Chegou o dia da formatura. A mãe do Vítor estava tão emocionada que acordou oito horas antes da hora de acordar; e ficou pensando "que dia especial eu tenho pela frente!". Pensou tanto, que acabou achando que pra um dia assim ela tinha que usar uma coisa muito especial: saiu e comprou um chapéu.

O pai do Vítor achou que a mulher tinha ficado péssima de chapéu, mas achou também que dia de festa não é dia de criar caso: não disse nada. Mas foi pra longe da mulher: se ficava perto ainda acabavam achando que a culpa do chapéu era dele.

Entregaram os diplomas. Começaram os discursos. O pai do Vítor aproveitou pra cochichar pro sócio, pra tal da Dona Rosa, e pra tudo que é orelha que andava por perto, que ele tinha dado uma viagem de presente de formatura pro filho, mas que a viagem era só metade do presente, e que a outra metade ele não podia contar porque era surpresa pro Vítor. E cochichou que o Vítor merecia o presente porque tinha tirado notas ótimas, e contou que o Vítor agora ia conhecer o mar, e que o Vítor isso e o Vítor aquilo, e a toda hora olhava orgulhoso pro Vítor — lá longe, muito sério, a pata segurando o diploma.

Mas a outra pata do Vítor volta e meia dava uma apalpadela no cinto que a mãe tinha costurado pra ele. "E cinto de viajante", ela disse, "com bolso pra guardar dinheiro". Quando estavam saindo de casa o pai tinha entregado o cinto pra ele:

— O dinheiro pra viagem já está guardado ai dentro, meu filho; tudo

arrumadinho: nota maior no bolso menor.

A mãe estava ajeitando o chapéu na frente do espelho. Parou. Se virou:

Isso não é uma coisa natural, meu bem; vai atrapalhar o Vítor.

Não vai, não. Ele sabe que nota maior a gente tem menos e nota menor a gente tem mais, e então nota maior precisa de bolso menor.

Pois é o que eu estou dizendo: não é uma coisa natural ter mais de menos e menos de mais.

Como é?

Já estamos atrasados, vamos embora.

Mas tem a outra metade do presente!

Deixa pra volta. — Piscou o olho pro Vítor e foi saindo.

O Vítor olhou pro pai; o pai meio que riu e também piscou. O Vítor botou o cinto e saiu de casa numa alegria que só vendo: formatura, viagem, dinheiro no cinto... E ainda por cima tinha mais presente pra ganhar.

Depois da festa de formatura, eles voltaram pra casa e a mãe do Vítor continuou de chapéu. O pai acabou perguntando:

_Você não vai tirar o chapéu?

Só depois que o Vítor for embora, aí acaba o meu dia especial.

Onde é que ele se meteu? eu quero dar o presente pra ele.

— Anda aí fora, se despedindo da floresta. O pai foi dar uma voltinha pra não ter que olhar mais pro chapéu. Mas lá pelas tantas ele viu de longe o chapéu aparecendo na janela. De costas. Entortado pro lado. Só podia ser a mulher se despedindo do Vítor! Correu. Dito e feito: a cara da mulher estava feito o chapéu: já entortada pra chorar.

— O Vítor já vai — ela falou.

Como é que ele vai se ainda falta a outra metade do presente? — Abriu o armário e tirou uma maleta lá de dentro. O Vítor gritou emocionado:

A mala da Vó! - Mas quando a mala chegou perto a emoção virou desapontamento. 0 pai explicou:

Já que a mala da Vó nunca chegou, eu comprei uma parecida pra te dar. Que tal?

-É...

- Abre.

O Vítor ficou olhando pra mala. De repente, teve uma esperança:

— Tem coisa da Vó aqui dentro?

O pai fez que sim. O Vítor abriu o fecho devagar, pensando nas coisas que ele sempre via na mala: o álbum de fotos, a lente, o diário de viagem... Quem sabe por fora não era, mas por dentro ia ser a mala da Vó?



A Vó Do Vítor

Desde pequena ela tinha mania de viajar: queria por força conhecer o mundo. E queria conhecer tudo de tatu; como é que eles eram antigamente, o que eles comiam, onde é que tinha vivido o primeiro tatu.

Foi ser bandeirante, excursionista, bolsista. Só pra viver pra baixo e pra cima. Voltava pra casa com um monte de histórias pra contar.

Estudou arqueologia; viajava cada vez mais longe, fazendo escavação, pra ver se descobria ou placa ou unha ou qualquer coisa de tatu de antigamente; um dia casou com o Arquimedes, que era um tatu arqueólogo também.

No dia do casamento, o Arquimedes deu pra ela uma mala de presente. Com um cartãozinho pendurado na alça:

"Agora que você passa de senhorita a
senhora, acho que fica mais próprio viajar
com mala em vez de mochila. Com todo
o amor do seu

ARQUIMEDES. "

A Vó do Vítor morreu de rir do Arquimedes pensar que não ficava bem pra tatu casada andar de mochila.

— Ah, Arquimedes, você não existe!

Mas achou a mala uma beleza. Examinou couro, alça, fecho, acabou se preocupando:

— Deve ter custado um dinheirão!

Mas é uma mala forte, pra agüentar viagem até o fim da sua vida.

Ah, bom, se é pra durar pra sempre... - E aí a preocupação foi embora e ela abriu a mala. - Ah, que graça que ela é por dentro, Arquimedes!

Gostou, minha flor?

Demais!

_ A mala era forrada de fazenda ranzidmha marrom claro feito couro; do lado tinha um bolso pra guardar coisa miúda, dos cantos saía uma fita que dava um laço no meio.

A Vó do Vítor tirou as coisas da mochila e passou tudo pra mala. Depois do casamento eles foram viajar. E tiveram cinco filhos.

Um dia, numa escavação, o Arquimedes descobriu uma carapaça antiquíssima de tatu. Se entusiasmou com a descoberta: começou a pular de contente. Morreu. Não se sabe se de alegria ou de terra que desmoronou em cima dele com tanto pulo.

Aí começou uma vida muito difícil pra Vó do Vítor, tão sozinha e tão cheia de cinco filhos pra educar. Juntou um trabalho, um emprego e dois biscates pro dinheiro dar. Nunca mais viajou.

Quando o último filho se formou, ela chamou os cinco, suspirou fundo e anunciou:

— Bom, meus queridos, vocês estão com a cabeça cheia de idéias, estão com saúde; daqui pra frente, cada um se vira à vontade, tá? — Tirou a poeira da mala e voltou a viajar.

A Vó do Vítor passou muito tempo fora. Mas de vez em quando chegava carta dela. O pai do Vítor lia a carta alto; a mãe sacudia a cabeça:

- Sempre pra baixo e pra cima, sempre com essa mania de trabalhar. Não sei pra quê: ela não liga pra dinheiro, não liga pra moda, não faz questão nem de ter casa...

E o Vítor ficava um tempão pensando como é que era a Vó.

Um dia a Vó disse numa carta "vou passar uma temporadinha aí". Contou um tombo que ela tinha levado (ela e a mala); disse que as duas precisavam de um descanso, e disse também "quero muito conhecer o Vítor, ele já deve estar bem crescido, não é?".

O Vítor ficou superemocionado. Começou logo a ensaiar o que que ele

ia dizer pra Vo. Mas na primeira fala se engasgou. E no dia que a Vó chegou ele ficou zanzando na floresta até de noite de tanto que não queria se engasgar na hora de falar com a Vó. Entrou em casa na ponta da pata. Viu a mala no corredor.

Era igualzinha à mala que ele sempre tinha imaginado; quem sabe a Vó também ia ser?

O pai viu a cara do Vítor aparecendo na porta da sala.

— Ah, até que enfim ele chegou! Pronto, mamãe, aí está o seu neto.

O Vítor e a Vó se olharam bem na cara. E ali mesmo se gostaram.

Naquela noite eles ficaram conversando até tarde, quer dizer, a Vó contando viagem e Vítor só escutando. Mas de vez em quando ele arriscava uma pergunta:

Você viaja sozinha, Vó? — E ficava encantado: a pergunta podia sair baixinho toda a vida, e não é que aVó sempre escutava?

Desde mocinha eu tenho uma companheira de viagem, Vítor, esta mala aqui. — E abriu a mala pro Vítor ver.

Ele adorou a fazenda franzidinha, o laço de fita, o bolso do lado.

Olha o meu diário de viagem. Guardo ele sempre nesse cantinho da mala.

E que tanto papel é esse?

— São as minhas anotações de trabalho. Vou escrevendo e vou desenhando.

O Vítor ficou muito interessado nos desenhos daVó e num binóculo que ela mostrou pra ele. E quando ela tirou da mala o álbum de fotos, ele então fascinou.

— Sabe, Vítor, esse álbum é o meu tesouro. Era deste tamanhinho, feito de folha seca de árvore. A capa era um quadradinho de tronco com uma lasca assim feito bolso. No bolso tinha uma lente com um cabo de graveto saindo pra fora. Era tudo tão mínimo, capa, folha, foto, que sem lente não dava mesmo pra ver.

Cada foto mostrava uma descoberta de tatu que a Vó tinha feito; de lente em punho o Vítor examinou uma por uma.

E no outro dia, e no outro, e no outro, o Vítor voltou correndo da escola, doido pra ver a Vo sentando na mala (ela tinha a mania de sentar na mala pra

conversar). E aí o olho dele não parava da Vó pra mala, da mala pra Vó. Até decorar as duas e saber de olho fechado "aqui a Vo tem uma ruga, aqui tem um arranhão na mala". E como ele ainda não tinha engasgado desde que a Vó tinha chegado, ele foi aproveitando cada dia que passava pra falar um bocadinho mais.

Vó, você não tem medo de viajar só com a mala e mais ninguém?

Você tem medo de ir pra escola só com livro e mais ninguém?

No princípio eu tive.

E eu também.

Mas, Vó, e se você morre viajando?

— Qual é o problema? em todo lugar tem terra pra gente se enterrar.

Ele olhou pra ela, quis pedir pra ela não morrer, mas deu vergonha: a mãe vivia dizendo que tatu pedinchão é a coisa pior que existe. E então ele perguntou pra mudar de assunto:

— Vó, quando você faz essas viagens compridas, o que que você vê mais: floresta ou mar?

AVó franziu a testa. E só aí que o Vítor reparou que quando ela franzia a testa daquele jeito aparecia uma ruga diferente: curtinha, mas bem funda.

— O que eu vejo mais é gente pobre e bicho perseguido, é isso que eu vejo mais.

O Vítor olhou esquisito pra ela. Ela levantou a mala e anunciou:

Sabe que amanhã de manhã eu tenho que ir embora?

Ah, não brinca, Vó!

Sério. Tenho trabalho me esperando. Mas quando acabar eu volto.

E quando o Vítor foi pedir praVó ficar, a tal da Dona Rosa chegou pra uma visita e começou a contar a vida dela todinha pra Vó. O Vítor foi ficando chateado porque ele já tinha ouvido nove vezes a vida todinha da tal da Dona Rosa e então foi pro quarto ler um pouco. Acabou pegando no sono e quando acordou de manhã a Vó já tinha ido embora. O álbum de fotografias estava junto dele com um bilhete:

"Na volta eu trago mais fotos pra
botarmos juntos no álbum. Guarde ele

muito bem guardado pra mim. Tchau.

Vó."

Pela primeira vez o Vítor contou tempo. Contou dia, contou mês, contou semana, contou até hora passando, esperando a Vó voltar.

Ela voltou numa terça-feira quando já ia escurecendo. Os dois se abraçaram até não poder mais. O Vítor foi correndo buscar o álbum pra ela, e a Vó logo sentou na mala pra contar uma porção de casos que tinham acontecido na viagem.

— Imagina, Vítor, que no meio do caminho eu fiz camaradagem com um grupo de ratos que moram no porão de um navio e eles me convidaram pra ir lá bater um papo. A gente começou a falar das descobertas que estão acontecendo no mundo, ninguém viu o tempo passando, quando me despedi pra ir embora, quem diz? o navio já estava em pleno mar.

-Xi!

— Fui parar na África, tá bem? Bom, mas aí eu aproveitei e fiz duas conferências por lá. Voltei no mesmo navio.

— E lá, Vó? Você também viu o que vê quando viaja aqui na América do Sul?

A Vó franziu a testa, e o Vítor achou que a tal ruga pequeninha ainda estava mais funda.

— Também. — Suspirou. — Mas na viagem de volta eu conheci uma hipopótama, sabe? Estava prisioneira no porão: tinham pegado ela na selva pra trazer pro Jardim Zoológico. Fui pra perto dela trocar idéias, trocar livro pra ler, trocar uma palavrinha qualquer. Só que ela não estava habituada a trocar nada, ficou de boca fechada. Mas ela tinha uma coisa engraçada: quando ficava contente, essa orelha dela dava uma tremidinha assim. — Riu. Ficou pensativa. Acabou de contar: — Mas ela só ficava contente quando a comida chegava.

O Vítor não se interessou pela hipopótama nem pelas tremidinhas de orelha; so estava pensando no monte de mar que a Vó tinha visto.

— Puxa, eu queria tanto ver o mar, Vó. Só Vl Uma vez "o cinema. A água ficando grande assim depois caindo na areia e virando branca. Outro dia eu

perguntei pra minha mãe se eu não podia ir viajar com você pra ver o mar. Ela disse que você trabalhava muito e eu ia atrapalhar.

Que nada!

Você trabalha todo dia, Vó?

—E como é que eu vou parar com tanta coisa pra estudar, pra ajudar, pra descobrir, pra escavar, pra entender. — E foi quando ela estava contando tudo que andava estudando que o Vítor ficou olhando uma nova marca que tinha aparecido na mala, bem perto da alça. Era um arranhão curto. Mas bem fundo. E quanto mais ele olhava, mais ele ia achando o arranhão parecido com a tal ruga da Vó. E aí, de terça a sexta (dessa vez a visita foi tão curtinha!), o Vítor foi achando cada vez mais parecidas as marcas na mala e na cara da Vó.

E depois, nas outras vezes que a Vó voltou, o Vítor não cansava de procurar no couro da mala as rugas que ele via na cara da Vó; pra ele, as duas foram virando uma só.

A fazenda franzidinha rasgou.

(O laço de fita já tinha se perdido há muito tempo.)

O fecho não fechou mais.

Um dia a Vó chegou afobada, ninguém estava esperando por ela. Mas nem deu tempo do Vítor curtir a surpresa, a Vó foi logo dizendo que estava só de passagem.

— Tô indo pra Amazônia, estão perseguindo muito bicho por lá. Recebi notícia segura que anda uma destruição horrível na mata, diz que matam bicho e árvore aos milhares, falaram que até índio eles estão querendo matar, eu tenho que ir lá ajudar.

O Vítor fez correndo uma conta de somar. Primeira parcela: estão matando aos milhares; segunda: a Vó vai ajudar; terceira: mesmo só gastando uma hora pra ajudar cada um.... Passou o risco e somou: ele ia ter que contar milhares de horas antes da Vó voltar. Entrou em pânico. Se agarrou na mala sentindo uma coceira danada na garganta.

- Fica, Vó!

Não posso, meu filho, me ofereci pra ir lá trabalhar.

Fica! Fica! Fica! — E nada de largar a mala.

Então, pra acalmar o Vítor, a Vó mostrou a fazenda que ela tinha

comprado pra forrar a mala de novo e falou:

— Mas, já que não vai dar tempo, eu deixo ela aqui com você, e quando eu voltar a gente forra ela junto, tá? — E fez uma porção de planos pra volta.

O Vítor foi se controlando pra ver se não tossia, se não chorava, se largava a mala, largou. E aí perguntou baixinho:

-Vó?

Hmm.

Você nunca vai deixar de viajar, não?

No dia que eu morrer.

E de trabalhar? você não vai parar?

Vou, sim: no dia que eu largar de viajar.

A Vó do Vítor largou de trabalhar no mês de abril. Lá na Amazônia mesmo. Quando a notícia chegou, a mãe do Vítor estava jogando binba com a tal da Dona Rosa e mais umas amigas; e o Vítor estava em plena aula de matemática.



Os Dois Encontros

A aula de matemática acabou e o Vítor saiu da escola contente e levinho: cinco aulas, uma atrás da outra, e ninguém tinha se lembrado que ele existia.

A tarde estava linda. Ele olhou pra floresta: todinha ali pra ele! Foi pra casa assobiando, escrevendo na cabeça uns pedaços de carta pra Vó (os dois se escreviam que só vendo) e às vezes chutando uma pedrinha e parando pra ver onde é que ela ia dar.

E não é que uma pedrinha foi dar na tal da Dona Rosa?

O Vítor ficou sem acreditar: com tanto caminho na floresta e os dois iam escolher justo o mesmo?

A tal da Dona Rosa esticou a cara querendo ver onde é que a pedra tinha começado. Viu o Vítor. Não tinha desvio no caminho: os dois ficaram se olhando de longe.

E aí foram andando devagar um pro outro, e o Vítor reparou que a cara da tal Dona Rosa foi se complicando toda.

Pararam bem junto. O olho do Vítor abriu de espanto: o olho da tal da Dona Rosa estava cheio d'água. E então ela pegou a pata do Vítor e falou com voz tremidinha:

— Estou vindo lá da sua casa, fui jogar um biriba; sua mãe é que estava ganhando, mas aí chegou a notícia. Coitadinho de você, Vítor, coitadinho! — Puxou o Vítor, se abraçou com ele e desatou a chorar.

O espanto do Vítor virou chateação com aquele choro sem explicação, e ainda por cima um abraço apertado. Quis se safar da tal da Dona Rosa. O abraço não deixou. E ele ficou ali espremido, só ouvindo "Tadinho do Vítor, tadinho!". A chateação aumentou:

Tadinho por que, ué, eu vou muito bem obrigado.

E que a sua Vó morreu. — (Foi assim mesmo que a tal da Dona Rosa falou; nem mais nem menos.)

O Vítor botou a cara pra trás; olhou pra tal da Dona Rosa. Ela fez que sim com a cabeça:

- Eu estou louca de pena, meu filho, mas a vida é assim mesmo, uns ficam, outros vão, ela foi: você vai ter que se conformar. — E o abraço ainda apertou o Vítor mais.

O Vítor empurrou a tal da Dona Rosa. Andou pra trás. A testa era uma ruga só. A garganta começou a coçar.

A Vó morreu?

Morreu sim, filhinho.

Morreu de quê?

O quê?

Morreu de quê!

Bom, ela estava lá na Amazônia, você

Sabe não é, e acontece que ela, bom, você sabe como suaVó era, não é, sempre lutando por umas coisas meio esquisitas, e então ela entrou lá num movimento pra juntar índio e bicho e árvore, pra todo mundo lutar junto e defender a floresta. — Fungou. — Tadinho de você, tadinho!

O Vítor ficou esperando ela falar mais; ela não falou. Ele perguntou já meio engasgado:

— E daí?

— Mataram ela, ué. Ela e todo mundo que não estava querendo deixar o progresso chegar na Amazônia. — Tirou um lencinho de renda do bolso. Se assoou. — A sua mãe logo pensou em você quando a notícia chegou: 'Ah, que horror! o Vítor estava contando os dias pra ela voltar; eles tinham combinado de ir ver o mar, e de pintar o quarto dele, e de forrar a mala dela; eles iam fazer tanta coisa juntos!" — E então a tal da Dona Rosa quis abraçar o Vítor de novo, e disse mais dois tadinhos.

O Vítor berrou:

— Me larga, pô! — Só que o berro saiu pra dentro, bateu no engasgo com toda a força e aí não deu pra dizer mais nada, o Vitor começou a tossir.

A tal da Dona Rosa deu uma palmadinha na carapaça do Vítor.

A tosse aumentou.

A tal da Dona Rosa botou a bolsa no chão, pegou o lenço com as duas patas e começou a abanar o Vítor.

E a tosse aumentando.

— Que horror, meu filho, pára com isso, você já está todo roxo.

E o Vítor tossindo.

— Experimenta respirar fundo. Experimenta ficar de cabeça pra baixo, dizem que é bom. Reza, meu filho, reza! pede a Deus pra tosse parar.

A tal da Dona Rosa começou a andar de um lado pra outro feito barata tonta:

— Nossa! eu nunca vi um engasgo assim. Para com isso, Vítor! Cuidado! Você morre sufocado, menino! - Trançou as patas, olhou pro céu: - Meu Deus, fazei com que ele não morra aqui sozinho comigo. Meu Deus, fazei...

O Vítor fez tanta força pra poder tomar fôlego que a respiração acabou saindo feito guincho de macaco. Quando ouviu aquele barulho, a tal da Dona Rosa começou a gritar:

— Socorro! o Vítor sufocou. O que que eu faço aqui sozinha com ele? Socorro! O que que eu faço? Socorro! Socorro!

A unha do Vítor não agüentou mais: começou a cavar a terra feito louca. O Vítor foi indo atrás; sumiu no túnel que ela fez. E a unha foi cavando e foi cavando, até a voz da tal da Dona Rosa sumir de vez.

Foi só o Vítor ficar escondido e sozinho lá dentro do túnel que a tosse foi melhorando; depois de um tempo, passou. E aí o Vítor se encolheu pra dentro da carapaça até ficar feito uma bola. Foi assim, todo metido dentro dele, que ele ficou sofrendo fundo de terem matado aVó.

Só quando o corpo começou a doer de tão enrolado é que o Vítor se esticou de novo. Abriu o olho. Tomou o maior susto: na frente dele tinha a escada. O buraco em cima. A luz estranha, o céu cinzento. Mas era mesmo? era a rua que ele tinha perdido? era?

Subiu a escada com medo, espiou. Era tudo igual feito da primeira vez. Um vento leve, o cheiro de jasmim. O silêncio, tudo tão quieto. E a mesma impressão de que, lá no fim, de repente, ia aparecer alguém.

O Vítor saiu pra rua, mas sentiu uma fraqueza de pata, deu só dois passos, parou. E de olho lá no fim esperou.

Esperou.

E esperou mais.

Aí apareceu uma coisa de cor voando no fim da rua. Voou. Parou. Voou de novo feito coisa que estava se mostrando, voou pra trás, sumiu, apareceu logo outra vez na mão da mulher. Era um lenço. De seda tão fina que mesmo quando o vento parava ele ficava

brincando no ar. Amarelo bem clannho, todo salpicado de flor; ora era violeta, ora era parida, e lá uma vez que outra também tinha um monsenhor.

A Mulher veio vindo. A saia que ela vestia arrastava no chão, e a blusa tinha manga comprida e tinha gola bem alta que ia dobrando no fim. A ponta do sapato aparecia quando ela andava. Fechado. E ela andava bonito, muito firme, muito calma, o cabelo bem penteado meio enrolado pra trás. O Vítor olhava — fascinado (e morto de medo) — a Mulher descer a rua (ela e o lenço amarelo).

Ela vinha de mão escondida no bolso, e volta e meia chutava de leve a ponta da saia feito coisa que estava abrindo caminho. A mão que não se escondia usava uma luva branca pra segurar o lenço de seda.

O Vítor não se mexia (o coração, sim: adoidado), olhando a Mulher chegar. Ás vezes ela parava. E o Vítor, de coração quase parando também, pensava se ela ia mudar de caminho. Mas não mudava. E a cabeça, o corpo, ela toda, virava assim mais pro Vítor, parecendo achar esquisito encontrar ele ali. Mas logo depois chutava a saia de novo e vinha vindo outra vez.

O cós apertado.

A cintura fininha.

A blusa ajustada no corpo.

O medo do Vítor virou desespero quando a Mulher veio chegando; ele nem agüentou olhar ela passando: baixou a cara. Ela passou. A ponta do lenço voou pra trás. E aí o Vítor juntou um resto de coragem, se agarrou no lenço (ai! que frio que ele era) e emparelhou com a Mulher. Ela pareceu que não tinha visto, e os dois foram descendo a rua juntos, de pata e mão dadas no lenço.

Mas perto da esquina ela parou. Baixou a cabeça pro Vítor; andou pra trás. Ele foi junto. Ela sacudiu a cabeça com força; puxou o lenço. O Vítor não quis largar. Ela então tirou a mão do bolso e empurrou o Vítor de um jeito que

ele teve que largar o lenço, e largou também a vontade de seguir com a Mulher. Ela saiu apressada, dobrou a esquina, sumiu.

O lenço voou no ar feito dizendo tchau pro Vítor, e só depois dobrou atrás.

O Vítor quis chamar, quis correr. Mas parecia que o empurrão ainda estava empurrando ele; ficou. Muito tempo ali parado. Só lembrando o lenço de seda e a mão da Mulher (também tão fria) empurrando ele pra trás. Só lembrando. E querendo inventar o rosto que ela ia ter: a Mulher que não quis levar o Vítor com ela tinha descido a rua sem rosto nenhum.



A Carta E O Bilhete

De repente um pensamento entrou na cabeça do Vítor: "E SE a história que a tal da Dona Rosa contou não é verdade?"

Foi tão gostoso o jeito do pensamento entrar, que o Vítor deixou mais uma porção entrar igualzinho:

"E SE ela sonhou com a notícia e ficou pensando que o sonho é verdade?"

"E SE foi outra Vó que morreu, não a minha?"

"E SE aquele jeito de falar tremidinho já é jeito de tatu gagá?"

"E SE ela já tá gagá como é que vai saber direito o neto de cada Vó?"

"Claro que não vai, ué!"

E o Vítor nem olhou mais pra rua. Esqueceu a Mulher, o lenço estampado, despencou escada abaixo, foi correndo pra casa.

O pessoal que trouxe a notícia da morte da Vó era um pessoal amigo dela que tinha fugido da Amazônia.

"Ela viu que não ia sair viva de lá", eles contaram, "e quando soube que a gente estava vindo pro sul pediu pra gente trazer uma carta e uma mala. Mas com tanta confusão, e tanto fogo na mata, e tanto bicho fugindo, a mala ficou no caminho: não deu jeito de carregar. A carta tá aqui. Mas a gente deixou um aviso na mala: quem encontrar vai trazer."

A mãe e o pai do Vítor só abriram a carta quando ficaram sozinhos. Caiu um bilhete no chão. O pai pegou e leu em voz alta:

"Querido Vítor,

Vou largar de viajar e então passo a

mala pra você. Tínhamos combinado de
trocar o fecho e forrar ela juntos antes de ir
ver o mar, lembra? Mas você já está ficando
um tatu crescidinho e pode fazer tudo
sozinho muito bem. Um beijo carinhoso da

Vó

P. S. Tem muito mais bicho de barriga vazia que
bicho de barriga cheia. Não se esqueça
dessa injustiça na hora de escolher sua profissão.

Vó."

O pai do Vítor ficou olhando pro bilhete de testa franzida. Depois desdobrou a carta e leu:

"Meus Filhos,
Não param de destruir a floresta;
estão tocando fogo por todo lado. Dizem
que é mais rápido. Pra ter logo o terreno
livre e botar coisa que dá dinheiro depressa.
Alguns bichos que voam e que pulam de
galho têm conseguido fugir. O resto
morre queimado. Feito árvore, feito
planta. Estão matando tanta vida que
isto acaba virando um deserto.
Quero fazer um pedido: contem o
que está acontecendo por aqui pra todo
mundo que está a fim de ouvir, e pra

quem não está a fim, paciência: contem

também.

Paz, saúde, saudade.

MAMÃE.

A mãe do Vítor começou a chorar; o pai ficou de cara baixa; depois falou:

- É melhor não dar o bilhete pro Vítor. -Não?

Ele se impressiona muito com as coisas.

Demais.

E é só se impressionar que ele já começa a se engasgar.

— Ele anda passando tão bem! — É por isso que eu não quero dar.

Mas, se ela mandou o bilhete pra ele, o bilhete é dele.

Claro que é dele.

Então a gente tem que dar.

Mas eu não estou dizendo que eu não vou dar.

Ah, não?

Eu estou dizendo que eu não vou dar agora. -Ah!

Eu deixo pra dar mais tarde.

Quando?

— Quando ele for grande e já não se impressionar com as coisas do jeito que ele se impressiona agora.

Ah, então está bem.

O importante é dar o que é dele, não é?

Claro.

Tanto faz que seja agora ou mais tarde.

Pois é.

E o pai guardou o bilhete na carapaça. Ficaram muito tempo só chorando.

— Ele também vai se impressionar com a carta que ela mandou pra gente — o pai falou.

Ah, na certa.

Quem sabe a gente não fala na carta?

Mas ela pediu pra gente contar pra todo mundo as coisas que estão acontecendo por lá.

A gente pode deixar pra contar mais tarde.

Bom, isso é.

Imagina se ele se impressiona com a carta...

Vai logo se engasgar.

Pois é. — E então o pai guardou a carta na carapaça.

O Vítor entrou correndo; botando a alma pela boca. O pai baixou a cara; a mãe começou a chorar de novo. E foi só olhar pra um e pra outro que o Vítor viu que a notícia da Vó era verdade e tudo que é E SE foi embora.

Quando o Vítor soube que aVó tinha mandado a mala pra ele, não quis acreditar que a mala tinha se perdido:

Duvido; ela vai chegar.

Não vai não, meu filho, ela se perdeu no caminho.

— Alguém vai achar e vai trazer. — E esperou. E mudou a arrumação do quarto: preparou o canto da mala. E matou um bocado de aula esperando a mala chegar. E se engasgou de tanto esperar.

Até que um dia arrumou que nem antes o canto do quarto: tinha entendido que a mala não ia mais chegar.



O Presente De Formatura (a Outra Metade)

Vítor abriu o presente pensando nas coisas que ele gostava tanto de ver na mala da Vó: o diario de viagem, as fotos, as anotações de trabalho... Mas quando o olho bateu dentro da maleta que o pai tinha comprado, tudo que é lembrança parou: ela era de couro molinho forrado de veludo azul-claro; no meio, bem encaixada em duas dobras do veludo, tinha uma carapaça de plástico.

O olho do Vítor ficou na carapaça; a testa se franziu toda.

O pai olhou risonho pra mãe. Deu de cara com o chapéu (ainda mais entortado pro lado). Ficou sério: desviou o olhar. Viu a pata do Vítor puxando um papelzinho dobrado que tinha debaixo da carapaça. Mais que depressa explicou:

—Esse bilhete sua Vó mandou pra você; não te dei ele na hora porque naquele tempo você se impressionava à toa, à toa. Mas eu disse que mais tarde eu ia dar e estou dando: não sou tatu de dizer uma coisa e fazer outra.

O bilhete da Vó estava pela metade: o P. S. tinha sumido.* O Vítor leu o bilhete, dobrou ele igualzinho como estava e guardou ele no cinto. O pai perguntou:

Então? Que tal a sua maleta profissional?

Bom...

Sabe, Vítor, já que você vai viajar, eu achei que era uma boa oportunidade pra você começar a vender a nossa carapaça lá fora.

Mas, papai, essa viagem é pra ver o mar, pra passear...

Claro! Claro! Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Depois de

passear bastante, você procura esse pessoal aqui, olha, toma esses endereços, guarda aí na mala. Eu já escrevi pra eles todos dizendo que você é meu filho, trabalha na minha indústria e está levando uma das carapaças que eu fabrico pra ver se eles querem comprar.

O Vítor olhou de rabo de olho pra mãe. Ela entortou mais a cara, o chapéu ficou balançando, cai não cai.

Mas, papai... escuta... eu... eu já tinha dito que eu não queria ser vendedor de carapaça...

Você não vai ser vendedor de carapaça, você vai trabalhar na minha indústria, é diferente. Você vai começar vendendo, depois vai se encarregar da fabricação, depois...

Mas... (ai! aquela coisa esquisita já era a garganta coçando?), mas a gente tinha resolvido que eu não ia trabalhar no seu negócio. Não é, mamãe? a gente já não tinha resolvido?

E, sim, meu filho, você tinha dito que não queria.

O pai fechou a cara:

O Vítor disse isso sem pensar. Olha, o seu chapéu está cai não cai, é melhor você tirar ele de uma vez. Toma, Vítor, tudo que você tem que fazer está aqui escrito: procura esse pessoal, mostra este folheto colorido, explica que essa história de consertar carapaça que vai ficando velha ou que arranha ou que quebra é coisa do passado, já não se usa mais.

Pai, eu não quero... — Mas a garganta deu uma coçada tão grande que ele parou.

O pai continuou:

Toma este outro folheto, olha, não esquece de explicar muito que se eles compram a carapaça diretamente da nossa fábrica a implantação é grátis: eu mesmo tiro a carapaça velha e boto a de plástico. E não esquece de dizer que não dói.

Pai...

A mãe chegou pertinho do marido: -O Vítor quer falar, meu bem. ~ Eu também quero. E explica bem pra eles tudo que é vantagem da carapaça de plástico: quebrou? joga fora e compra outra; rachou? joga fora e compra outra; sujou? joga fora e compra outra.

Mas eu queria fazer outro trabalho, papai. Eu...

A minha indústria está indo às mil maravilhas e o meu único filho não quer saber do negócio? Que é isso?! o que que você quer fazer então?

Eu... eu ainda não sei direito, mas...

Pois, se não sabe, vai vender carapaça!

Mas eu não gosto de carapaça de plástico: me dá aflição.

Não tem que gostar, tem que vender.

Eu queria fazer uma coisa que eu gosto! — Mas o "que eu gosto" já não conseguiu mais sair, deu marcha à ré, começou o tal engarrafamento na garganta do Vítor e tudo que ele queria dizer acabou ficando pela metade.

A mãe se apavorou:

— Pronto, eu sabia! eu já estava vendo na cara dele que ele ia se engasgar.

O pai começou a andar de um lado pro outro:

Você agora não vai dizer que a culpa do engasgo foi minha, não é?

Vou! Um dia tão bonito, tão especial, e na última hora, quando ele já está indo embora, você estraga tudo.

Estrago tudo? Dou dinheiro, dou viagem, dou maleta profissional, passo o dia inteirinho olhando pro seu chapéu e não digo nada...

O que que tem o meu chapéu?

E medonho!

Medonho?

(E o Vítor tossindo.)

— Medonho, sim! E não tem jeito de você tirar esse troço da cabeça. Eu tenho certeza que o engasgo do Vítor é de tanto olhar pro seu chapéu.

A mãe arregalou cada olho assim.

— Vítor! Você também acha feio o meu chapéu?

O Vítor nem ouviu a pergunta, tossia feito um louco, focinho, cabeça, corpo, tudo sacudindo com a tosse.

— Taí! ele tá dizendo que não. Mas o pai estava cada vez mais zangado:

— Me controlo o dia inteiro, dou um monte de presentes, e no fim vocês ficam contra mim? Ah, isso não fica assim! Você vai tratar de tirar esse chapéu já e já! E você vai tratar de vender essa carapaça, sim senhor! — Fechou a maleta profissional e empurrou ela pro Vítor.

Começou a cair lágrima do olho do Vítor. E ele — achando que ia cair também — se abraçou com toda a força na mala. Ficou ali agarrado, tossindo, tossindo, enquanto a mãe abanava ele com o chapéu.

De repente, um barulhão! O Vítor largou a mala assustado. Até o engasgo se assustou: parou. O pai do Vítor desconfiou, abriu a mala correndo: de tanto o Vítor apertar a mala, a carapaça tinha quebrado. No meio. E uma metade rolou pro chão.

O engasgo do Vítor ficou em suspenso. A mãe teve vontade de rir, mas tapou a boca com o chapéu. O pai ficou sem saber o que que fazia; de repente resolveu:

— Vou buscar outra carapaça.

A tosse do Vítor voltou. Ele abraçou a mãe correndo e disse tchau com a pata. A mãe afobou:

Você não vai esperar o seu pai voltar? Ele fez que não.

Mas você vai mesmo pra Bahia? Ele fez que sim.

— Escuta, meu filho, eu sei que você já é um tatu grande, mas olha, escuta, bicho do mato se dá mal no mar, não esquece que você é bicho da terra.

Ele fez que sim bem depressa.

— Espera, meu bem, espera, toma, olha a mala.

Ele fez que não; a pata fez mímica de "na vez que vem eu levo".

-Ih, Vítor, o seu pai vai ficar danado se você não leva a maleta.

O Vítor foi indo embora.

— Espera aí, Vítor, então vamos fazer uma coisa, você escreve pra ele e diz que na volta vocês acertam tudo, tá? Você gosta mesmo de escrever carta, não é?

O Vítor voltou, fez que sim.

— Pois é, então você escreve. E eu também vou dizer pra ele que assim que você voltar tudo se acerta.

A pata do Vítor deu tchau.

— É claro que eu não estou nada feliz com essa viagem, não é, Vítor, mas já que você vai mesmo... você vai mesmo?

Ele mal fez que sim.

— Bom, então não esquece de comer na hora certa, não esquece de

dormir na hora certa, não... — Mas os conselhos ficaram pela metade: era a primeira vez que ela se separava do Vítor: se abraçou com ele e desatou a chorar.

Se tinha coisa que deixava o Vítor nervoso era ver a mãe chorando. Ficou ali abraçado. Mas que medo de ver a outra carapaça chegando! Tomou coragem, se arrancou, foi embora. Mas se sentindo tão chateado, tão... tão pela metade, que acabou desanimando com a lonjura da Bahia e ficou no Rio de Janeiro, que era justo a metade do caminho.

* Passou tanto tempo, que na certa o papel acabou rasgando.



A Dalva

Quando o Vítor chegou no Rio, perguntou daqui e dali onde é que era o mar.

içaram. Ele foi indo. Só que não conseguiu chegar na praia: no caminho ele viu a Dalva e ali mesmo, na hora, se apaixonou. Esqueceu da gaivota e da onda subindo, esqueceu o caminho de volta pra casa, acabou todo esquecido que tinha mais mundo fora da Dalva. Foi assim:

Quando o Vítor dobrou uma esquina, deu de cara com um monte de gente, uma confusão que só vendo. Repórter espichando microfone, fotógrafo batendo foto.

— Dalva! Dalva, olha pra cá.

Ela olhava. Tlá: batiam uma foto.

—Dalva! Aqui, Dalva, aqui, vira pra cá! Ela virava. Tlá!

O Vítor não tirava o olho da Dalva. Nossa! que coisa mais linda; como é que um bicho podia ser assim tão bonito? E foi abrindo caminho, será que dava pra escutar o que que o repórter estava perguntando pra ela? Deu:

— Então, Dalva, o que que você acha do prêmio?

— Bom...

— O que que você tem pra declarar, Dalva?

-Ah, nao sei...

Ela estava no colo da Dona-da-casa, e volta e meia a Dona-da-casa ajeitava a medalha que ela tinha no pescoço e levantava ela bem pro alto pra ficar mais fácil de bater foto.

O Vítor estava bobo: como é que não tinham ensinado pra ele que tinha na vida um bicho bonito assim? de pêlo tão certinho, de olho tão pestanudo, de cauda que só podia ser tão macia de alisar, balançando pra cá e pra lá.

Chegou bem perto. Ficou só na pata de trás, quem sabe esticando a da frente dava pra toe na cauda? não deu. Tlá! Tlá! Tlá!

Dalva! Como é que você está se sentindo?

Calor, não é?

Mas, e o prêmio, Dalva? O que que você tem pra declarar?

Gostei. Ai, cuidado com a minha cauda.

O Vítor queria entender por que tanta confusão, tanto empurrão, mas só dava pra entender a beleza da Dalva. Se espichou na pata: que coisa impressionante! o olho dela er meio amarelo.

A Dona-da-casa entrou num táxi. Começou um puxa-empurra dos cinegrafistas querendo filmar o último pedacinho da Dalva. O Vítor já não estava conseguindo ver mais nada, todo encolhido lá embaixo pra ver se não pisavam muito nele. De repente, sentiu uma coisa caindo na cabeça. Era a medalha da

Dalva: a fita tinha rebentado com tanto puxão. O Vítor ficou com a medalha apertada na pata. O táxi foi embora; o pessoal foi abrindo caminho; e aí o Vítor perguntou pra um repórter:

Que prêmio que ela ganhou, hem?

Foi o tal concurso que fizeram na tevê. -Qual?

- "Telespectadora mais assídua." Faz tempo que ela vê 12 horas de tevê por dia: ganhou.

O Vítor fez pergunta pra todo lado e acabou descobrindo o endereço da Dalva. Puxa, ele era mesmo um cara de sorte! a medalha podia ter caído na cabeça de tanta gente, e tinha caído bem na dele: só pra ele ter um pretexto de ir na casa da Dalva.



A Entrega Da Medalha

A medalha era grande feito um ovo. De prata. Mostrando um aparelho de televisão.

O Vítor resolveu que na hora de entregar a medalha ele ia se declarar. Mas quando ia entrando na casa da Dalva perdeu a coragem; deu uma volta no quarteirão. Passou outra vez pela casa; parou. Achou que ia se engasgar na nora de falar: deu outra volta no quarteirão. Mas quando passou outra vez, entrou. Saiu logo correndo e deu outra volta. E ficou uma porção de dias dando volta (e a paixão crescendo lá dentro da carapaça). Até que um dia ele não agüentou mais: tocou a campainha e a ˚na-da-casa abriu a porta.

_ Boa tarde.

O quê?

Boa tarde.

Ah, boa tarde.

A Dalva está?

Como?

A Dalva?

Ela não pode atender: está no sofá estampado.

É longe?

Não, mas... — Viu a medalha e gritou: -Dalva! Dalva, olha aqui a medalha que você perdeu

A voz da Dalva veio correndo "traz aqui, traz, traz!". E mesmo achando que o Vítor não ia combinar com o tapete, a Dona-da-casa pediu pra ele entrar.

O Vítor entrou. Mal agüentando carregar tanta batida de coração. Parou emocionado: de sofá estampado a Dalva ainda era mais bonita. Mas

mesmo querendo demais olhar pra Dalva, o olho correu pro estampado do sofá:

amarelo bem clarinho, todo salpicado de
flor, ora era violeta, ora era margarida, e
lá uma vez que outra também tinha um monsenhor.

Onde é que ele tinha visto aquele estampado, onde? o amarelo assim igualzinho, e o roxo da violeta também tão igual? Fez força pra lembrar. Mas em vez da lembrança entrar na cabeça feito um desenho, entrou no coração feito um medo, e o Vítor sentiu uma dor. Olhou depressa pra Dalva. E a Dalva era tão bonita que ele não pensou mais na dor e foi andando pro sofá.

- Ah, que bom que você achou a minha medalha! — E a Dalva olhou um instantinho pro Vítor. - Me dá. — Deslizou a pata pela fazenda do sofá já de olho outra vez na tevê. Mas na beirada do estampado a pata parou. O Vítor subiu pro sofá e gaguejou:

— A fita tinha rebentado, eu consertei. — E de pata tremendo pendurou a medalha na Dalva. — Eu estou vidrado em você — ele disse baixinho. Tão baixo, que ele não ouviu. E aí ficou pensando se tinha falado ou não.

A Dona-da-casa não parava de pensar o que que a gente oferece pra tatu; acabou achando que de cafezinho todo mundo gosta.

— Vou preparar um café. — E foi pra cozinha.

O Vítor resolveu se declarar de novo. Mas quando ia abrindo a boca a Dalva perguntou:

— Onde é que você achou a medalha, hem?

— Na minha cabeça.

-Ah.

Aquele ah assim tão sem querer saber de mais nada ficou doendo no ouvido do Vítor. Ele sacudiu a cabeça com força: não estava pra pegar uma dor de ouvido só por causa de um a e h. A cabeça bateu no sofá; a Dalva gemeu. O Vítor começou a ficar impressionado: a Dalva não podia ir na porta porque estava no sofá estampado; a Dalva estendia a pata e a pata não saía do estampado; ele batia com a cabeça no sofá e era a Dalva que gemia; será que a Dalva e o sofá eram um só? Começou a repetir lá dentro da

cabeça dele: Dalva, eu estou vidrado em você, Dalva, eu estou vidrado em você, Dalva, e quando achou que a frase já estava bem treinada falou alto:

Dalva, eu estou...

Deixa pra falar depois.

O telefone tocou. A Dalva estendeu a pata:

— Alô?... Tô vendo notícia: barraco desabando na favela com a chuva de ontem. — Desligou.

A Dona-da-casa sentou junto do sofá e estendeu uma bandeja. Tinha uma xicrinha e um copo bem-fino-bem-comprido-bem-virado-pro-Vítor.

— Só pra nós dois: a Dalva não toma café. -Qual e o meu?

A Dona-da-casa riu sem jeito; a Dalva fez psiu.

— O copo. É de cerveja mas eu achei que combinava...

O Vítor não disse nada. Enfiou o focinho no copo e fez força pra beber o café: achou que ficava chato dizer que tatu detesta café e que a única coisa que ele queria era poder dizer Dalva, eu estou vidrado em você. A Dona-da-casa bebeu o café devagar. Falou baixinho:

Prêmio é um grande incentivo, não é? Veja a Dalva. Há muito tempo que ela vem assistindo 12 horas de tevê por dia e agora.... Você quer outro café?

Hem? Ah, não, obrigado. — Mas lembrou que, aceitando, a Dona-da-casa saía da sala. — Bom, pensando melhor, eu quero sim. — A Dona-da-casa levantou. Ele virou depressa pra Dalva. A Dona-da-casa pegou o bule que tinha ficado na mesa e encheu o copo de novo. O Vítor começou a sentir um nervoso medonho: não tinha dito Dalva, eu estou vidrado em você, e ainda por cima tinha que beber aquele troço todo de novo. Bebeu. Devagar. Sentindo na unha uma vontade danada de cavar.

Mas o que que eu estava dizendo? Ah, o prêmio! Tá bom de açúcar? Depois do

prêmio ela resolveu se aplicar ainda mais: passou pra 15 horas por dia. Eles já lançaram um novo concurso, sabe, agora a medalha é de ouro e o prêmio ainda maior, tá quente?

— Hmm? (Quem sabe ele pensando berrado a Dalva escutava? E berrou lá na cabeça: DALVA, EU ESTOU...)

O telefone tocou. A Dalva atendeu:

Alô... Anúncio de cigarro Top: tem um homem lindo dando um beijo

enorme numa mulher linda num carro enorme na frente de uma casa linda com um jardim enorme. — Desligou.

Bom, prêmio incentiva por um lado, mas por outro cria problemas, não é? Agora estão sempre telefonando pra ver se a Dalva tá de olho na tevê: ela não pode mais largar o sofá.

O Vítor fez uma festa no estampado. Devagar; disfarçado. Então era isso mesmo: a Dalva e o sofá eram um só. A Dona-da-casa levantou:

— Muito obrigada por ter trazido a medalha, viu?

O Vítor tomou um susto: ele tinha que ir embora sem dizer Dalva, eu estou vidrado em você? A Dalva olhou depressa pra ele:

Tchau. Adorei você me trazer a medalha.

Eu vou mudar a fita — a Dona-da-casa falou — pra combinar melhor com o sofá. Marrom. — E foi indo pra porta. O Vítor foi atrás. Mas quando viu que a Dona-da-casa não estava olhando, achou que dava tempo de desabafar; se virou:

Dalva, eu estou v... — Tropeçou no tapete, a fala tropeçou junto, saiu vidrocê, e o Vítor foi indo embora aflitíssimo: Dalva, eu estou vidrocê, será que dava pra entender?

Uma Conta Aflita De Somar

A aflição não largou mais o Vítor. Mal acordava e já cavava um pouquinho pra ir gastando o nervoso que acordava com ele.

Escreveu um bilhete pra Dalva marcando encontro. Ninguém apareceu.

Passou telegrama pedindo pra ela chegar na janela; ela não chegou.

Telefonou. Ela foi logo dizendo: não dá pra falar: podem ligar do concurso.

Passou uma noite inteirinha escrevendo um poema lindo pra ela; mandou. "Desta vez ela vai me prestar atenção." Mas a Dalva não prestou.

Até que uma noite, depois que a janela da Dalva apagou, o Vítor somou tudo que é hora que a Dalva passava no sofá estampado, com mais hora de comer, e mais hora de dormir, e mais hora de tomar banho, e chegou ao seguinte resultado: ela só vai olhar pra mim se eu apareço na tevê.

Mas aparecer como? fazendo o quê?

Dançar e cantar? Ele não sabia (e cadê coragem?). Dizer poesia? Ia se engasgar. Quem sabe dava pra anunciar? Foi andando pela rua; lá pelas tantas viu uma caixa vazia de sabão em pó. Ficou olhando pra caixa e pensando na Dalva. E de tanto olhar e pensar acabou bolando um anúncio:

Aparecia numa cozinha linda, lavando uma louça linda, assobiando uma música linda. Parava, enxugava a pata no avental e falava assim: "Andaram dizendo por aí que lavar louça é serviço de mulher. Mas em casa de tatu a coisa é diferente: eu lavo louça todo dia e acho legal. É claro que não ia achar se tivesse que lavar prato com outro sabão. Mas com este? Pegou a caixa, se abraçou com ela e falou assim bem pra frente, sabendo que a Dalva ia estar de olho nele: "Eu estou vidrado em você!"

Ficou a noite toda ensaiando o anúncio. No outro dia foi pra televisão:

caixa de sabão debaixo da pata e anúncio na ponta da língua. Mas disseram que lugar de tratar anúncio era agência de publicidade: por que que ele não ia na Z?

— De zebra?

-É.

Ele foi.



A Dona Popô

_ Z por que, hem? — o Vítor acabou perguntando pra uma moça secretária. (Ele estava há uma hora e meia esperando lá na Agência Z.)

É de Zuleica.

A dona daqui?

Não, a dona da agência é a Dona

Popô.

E o Vítor continuou na mesma: esperando; ele e a caixa de sabão em pó. No fim da tarde a moça chamou: -Ei!

O Vítor se assustou: -Eu?

—A Dona Popô quer falar com voce. -Foi indo na frente, abriu uma porta e anunciou:

_ O tatu do comercial de sabão em pó. — E o Vítor entrou.

Era uma sala enorme. Tapete enorme. Gravador, rádio, televisão, computador grande pequeno médio, microfone, interfone, máquina por todo lado. E no meio daquilo tudo, a Dona Popô. Sentada numa cadeira baixa, de rodinha; na frente de uma mesa redonda.

O susto do Vítor virou pânico: ele nunca tinha visto uma hipopótama. E a Dona Popô ficou olhando pra ele: era a primeira vez que ela encontrava um tatu.

A moça foi embora; estava frio na sala; tocava música baixinho.

A Dona Popô botou uma aspirina na boca, bebeu um gole d'água, debruçou na mesa, ficou olhando pro Vítor. Tudo bem devagar.

O Vítor olhou pra porta: era melhor sumir por onde ele tinha entrado, não era? em vez de cavar o tapete (grosso assim).

A Dona Popô não se mexia; parecia até que nem respirava de tanto

que prestava atenção no Vítor (e ele sem saber se saía ou não). Lá pelas tantas ela perguntou:

— Como é o comercial que você quer fazer?

Ele respirou fundo; chegou mais pra perto; mostrou a caixa de sabão em pó. O olho da Dona Popô foi devagar pra caixa e pro Vítor e pra caixa e pro Vítor; o resto dela não se mexeu. O Vítor começou a explicar baixinho:

— Eu apareço numa cozinha linda, lavando uma louça linda... — A garganta coçou. — Aí eu digo: andaram dizendo por aí que lavar louça é serviço de mulher... — A garganta coçou comprido. — Mas em casa de tatu a coisa é diferente... — Começou a tossir. — Eu lavo a louça todo dia e acho... — A tosse aumentou, não deu pra achar mais nada.

A Dona Popô descansou a cara na pata. Devagar. E ficou de olho parado vendo o Vítor tossir.

A cara do Vítor ficou roxa, suada, molhada de lágrima.

A Dona Popô se endireitou na cadeira, riscou o tapete com a pata e impulsionou o corpo: a cadeira deslizou pra junto do Vítor: a Dona Popô nunca tinha visto uma tosse assim tão intensa, queria ver bem de perto. Ficou quieta olhando. (E a tosse piorando.)

De repente, a Dona Popô deu um chute tão bem dado no sabão em pó que a caixa voou longe:

— Que sabão coisa nenhuma! Você vai anunciar é xarope pra tosse.

O Vítor levou um tamanho susto que a unha não agüentou mais: afundou no tapete vermelho, cavou logo um buraco, o Vítor foi mergulhando no chão, e a Dona Popô se abaixando, abaixando, só olhando o Vítor ficar sem cara, sem carapaça, sem rabo, pronto: sumiu!

A Dona Popô ficou parada. Depois tirou charuto e isqueiro do bolso e acendeu devagar. A fumaça fez desenho; a Dona Popô olhou e resolveu que o Vítor também ia anunciar ladeira de poço de petróleo e cavadeira elétrica. Sentiu que ia poder usar o Vítor pra poder faturar um dinheiro alto, e aí a orelha direita deu uma tremidinha: quando a Dona Popô ficava contente a orelha dela tremia assim.

Z De Zoológico

No principio a Dona Popô se chamava Pôzinha e morava com a mãe — a Dona Zuleica — perto de um rio numa selva. As duas viviam uma vida muito simples, a coisa que elas mais pensavam era o que elas iam comer. E tudo que é parente e amigo vivia igual, a principal diversão era juntar pra bater papo, e o papo não variava: o que que eles tinham comido, o que eles iam comer.

A Dona Zuleica já tinha escolhido o hipopótamo que um dia ia casar com a Pôzinha, "ele é ótimo pra arranjar comida, viu Pôzinha? e a Pôzinha disse tá. A Dona Zuleica já tinha escolhido o lugar que a Pôzinha ia morar, é um lugar ótimo pra arranjar comida, viu Pôzinha?

A Pôzinha disse tá. A Dona Zuleica tinha até mandado: "Uma hora dessas vai lá ver o lugar." A Pôzinha foi. Errou o caminho, acabou entrando em área de caçada, justo quando andavam pegando bicho pra levar pra América do Sul. Pegaram girafa, pegaram elefante, pegaram avestruz, pegaram a Pôzinha também. Meteram ela no porão de um navio e ela foi parar no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro.

A Pôzinha estranhou a vida no Zôo; não gostou da comida. Mas depois acostumou com o capim.

Um dia ela viu chegar um rinoceronte que ela conhecia desde pequena. Quando ele passou por ela, contou que a Dona Zuleica tinha sido presa também:

Levaram ela pra índia.

E longe?

À beça.

E grande?

Enorme.

_" Xi! O Brasil também. — Viu que nunca mais elas íam se encontrar. Chorou. Quis

prestar homenagem pra mãe: fez um Z bem grande de capim trançado e pendurou na grade que cercava ela. O pessoal do Zôo gostou; e mandou ela trançar um monte de capim pra fazer o resto do Zoológico.



A Pôzinha Sai Do Zôo De Cabeça Levantada, Sem Ter Que Fugir Nem Nada

Dia de chuva deixava a Pôzinha deprimida; e era só desabar temporal que ela ficava pensando numas histórias que cochichavam lá no Zôo: contaram que anos atrás um urso de voz tão fininha que até chamavam ele de Voz de Cristal tinha feito uma fuga espetacular; e falaram também de um pavão bonito toda a vida, que um dia tinha sumido sabe-deus-pra-onde. Enquanto ia roncando trovoada, a Pôzinha só tinha vontade de fazer que nem o tal urso e o tal pavão. Mas depois vinha o sol de novo, ela esquecia o assunto e continuava a viver feito antes.

Até que um dia apareceu o Ipo na vida da Pôzinha. E aí as coisas mudaram.

O Ipo chegou num carro imenso; o motorista abriu a porta pra ele saltar. E foi só o Ipo entrar no Jardim Zoológico que o porteiro empurrou ele pro pátio onde a Pôzinha morava. O Ipo gritou:

— Que é isso! tira a mão do meu paletó! O porteiro não tirou; e chamou tudo que é empregado pra ajudar. Um guarda puxou o Ipo pela gravata listada, um botão do colete voou longe, o motorista se apavorou:

— Cuidado com o botão do Dr. Ipo! é uma água-marinha, não pisa, cuidado!

O pessoal não viu, pisou. O Ipo virou fera:

— Tira o pé de cima da minha pata, imbecil!

O porteiro se zangou; empurrou com mais força. O Ipo deu uma

cabeçada mal dada: errou o porteiro e ainda por cima rasgou a camisa de seda; parou a briga pra examinar o rasgão. Todo mundo junto empurrou ele pro pátio. O portão bateu, o Ipo ficou atrás das grades, o porteiro disse pronto! e fechou o cadeado; o Ipo berrou pro motorista:

— Vai correndo fazer queixa desse troço pro diretor!

E o motorista foi.

A Pôzinha tinha visto de longe o carro chegando e o Ipo desembarcando; ficou impressionada, saiu de dentro d'água pra olhar. Veio vindo pra perto pra ver melhor a briga, a gravata listada, o colete e o paletó do Ipo. E quando fecharam o portão ela começou a sentir pena do rasgão e do botão.

Que chato, não é? — ela falou. Tão perto, que o Ipo até se assustou. Mas quando deu de cara com a Pôzinha o susto foi embora. A chateação do colete e da camisa passou também, passou cara amarrada, passou irritação, "bonitinha que ela é"; ajeitou a gravata, fez um gesto de cabeça:

São uns idiotas! pensam que porque a gente é hipopótamo tem que viver no Zôo.

— E não tem não?

— Claro que não! Eu só vim aqui soltar o irmão de um elefante que trabalha numa das minhas empresas.

O olho da Pôzinha ia da abotoadura de ouro pro terno bem cortado; do terno pro colarinho duro. O Ipo tirou um charuto do bolso e ofereceu:

—Você fuma?

A Pôzinha quase caiu pra trás. Mas, pra não dizer não (quem sabe era moda lá fora?), fingiu que não tinha ouvido a pergunta e falou:

— Quer dizer que a gente não precisa ficar aqui?

E só pagar pra sair. Ela baixou a voz:

Falaram que só fugindo...

Bom, se o bicho é pobre e só conhece gente pobre, o jeito é mesmo fugir, mas por quê?

O quê?

Você tá querendo sair? — e estendeu de novo o charuto. A Pôzinha abriu a boca pra dizer que não fumava, mas a pata chegou na frente e pegou o charuto. O Ipo tirou do bois um enorme isqueiro de ouro; acendeu.

Acende primeiro o seu — a Pôzinha pediu. E ficou de olho pra ver como é que ele puxava a fumaça. O Ipo soltou uma baforada que deixou a Pôzinha meio tonta, perguntou:

Você não tem parente? não tem amigo pra te ajudar?

Eu não. — E começou a contar a vida sossegada que ela levava com a Dona Zuleica quando um dia prenderam ela e botaram ela no porão de um navio, e mais isso e mais aquilo, e o tempo todo que ela ia falando o Ipo não parava de olhar lá pra fora pra ver se o motorista tinha morrido ou tinha o quê. A Pôzinha falava bem depressa pro Ipo não ter tempo de acender o charuto, mas foi só ela parar pra tomar fôlego que ele ofereceu:

Com licença? — e acendeu o isqueiro bem na cara da Pôzinha. Ela botou o charuto na boca, encostou ele devagar na chama e

puxou a fumaça do jeito que ela fazia tudo na vida: com força.

O que entrou de fumaça lá pra dentro da Pôzinha não foi normal. Ela ficou paralisada.

O motorista e o diretor do Zôo chegaram correndo.

— Dr. Ipo! Dr. Ipo!

O diretor estava tão nervoso que não acertava abrir o cadeado. Chamou o porteiro aos gritos. E enquanto o porteiro lutava pra abrir o portão, o diretor ia se desculpando:

Por favor, Dr. Ipo, não leve a mal, foi um engano lamentável. Acontece que o nosso porteiro...

E um imbecil!

...não está habituado a tratar com hipopótamos de status, mas o que que há com essa chave, homem?

É que o cadeado tá enferrujado — o porteiro falou.

O Ipo se irritou:

— Vê lá se eu vou ficar aqui preso por causa de uma droga de um cadeado!

— Não se assuste, Dr. Ipo, não há perigo — o diretor falou. Cutucou o porteiro: — Anda com isso!

A Pôzinha sentiu enjôo no estômago; viu o Ipo rodando; o Zôo todinho rodou atrás.

— Não sacode o cadeado assim, seu idiota! a chave ainda acaba

quebrando e aí mesmo é que eu não saio aqui de dentro. Meu avião tá me esperando, tenho um negócio pra resolver, tenho um jantar em Nova Iorque, anda com isso! — Virou pro diretor: — Como é que vocês dão emprego pra um calhorda desses?

Quanto mais o porteiro queria parar co a tremedeira, mais a mão tremia e sacudia o cadeado. "Como é que pode?", ele pensava; e lembrava de um outro hipopótamo que um dia tinha passado por lá pedindo um prato de comida. Dava até pena: o hipopótamo estava com tanta fome que foi logo comendo tudo qu é samambaia que enfeitava o portão. E ele prendeu o hipopótamo. E ganhou parabéns de todo mundo. E o diretor deu aumento de ordenado e tudo. Agora ele prendia esse outro igualzinho...

— Deixa! Larga esse cadeado, sua toupeira! ...e até de toupeira chamavam ele!

A Pôzinha fez força. Conseguiu botar um pouco de fumaça pelo nariz e pela orelha direita. Mas não deu pra aliviar. A cabeça caiu; a pata dobrou; a Pôzinha toda foi indo pro chão.

O diretor empurrou o porteiro, e vira chave pra cá, vira chave pra lá, acabou abrindo o portão.

— Pronto, Dr. Ipo, o senhor está livre! E por favor não nos leve a mal: um porteiro assim e um cadeado assim acontecem nas melhores famílias. — Riu. Tirou uma poeirinha do terno do Ipo. — O senhor tinha passado aqui pra tratar do caso do elefante, não é?

O Ipo tirou do bolso cheque e cartão:

— Tá aqui o nome dele. E tá aqui a fiança.

— Perfeitamente, Dr. Ipo, perfeitamente. O senhor pode esperar no carro que ele já vai. Cabe?

— Então carro meu não vai caber mais gente?

A Pôzinha foi vendo tudo escuro; achou que ia morrer; arranjou um resto de força e pediu socorro. O Ipo se virou: e não é que ele tinha esquecido aquela boneca? Correu:

Que é isso? o que que aconteceu?

Socorro!

O que que você tá sentindo?

Tudo. — A cabeça caiu outra vez. O Ipo mandou chamar o veterinário.

Mas ele estava de folga. O Ipo perdeu a paciência:

Este Zôo tá me enchendo, pô! — Chamou o motorista pra ajudar a levar a Pôzinha pro carro. — Lá em casa a gente chama o médico.

O diretor afobou:

—Mas não pode, Dr. Ipo, bicho nenhum pode sair daqui sem fiança.

O Ipo puxou livro de cheque, rabiscou número e letra, jogou o papel pro ar:

— Levo elefante, levo essa aqui, levo quem eu quiser, taí o dinheiro. Ei! ajuda aqui; chama tudo que é guarda pra ajudar. — (A Pôzinha naquele tempo já pesava uma barbaridade.) E foi agüentando a Pôzinha de um lado, enquanto os outros agüentavam do outro. - Respira fundo! Levanta a cabeça! Levanta a cabeça!

A Pôzinha ouviu a voz do Ipo feito coisa que era voz do outro mundo; fez força, cumpriu a ordem. E foi assim que ela saiu portão afora: respirando fundo e de cabeça bem levantada.

A Pôzinha Vê De Perto Um Jeito Diferente De Viver

Tão diferente, que ela custou a acreditar na vida que o Ipo e os amigos dele viviam: cada casa que não tinha mais tamanho, empregado por todo lado, carro, barco, avião particular. E uma agitação que só vendo: todo dia ela queria falar com o Ipo, dizer muito obrigada por tudo, perguntar o que que a gente fazia pra viver assim feito ele, mas — quem diz? O Ipo não parava de falar no telefone, não parava de discutir negócio, não parava de correr de um lado pro outro pra fazer mais negócio. E quando a Pôzinha vi a que tinha sobrado um tempinho pra ele, chegava logo correndo:Ipo, eu queria te dizer...

Vamos dançar — ele falava logo. Discoteca. Gafieira. Forró. O Ipo topava tudo. Mas o lugar tinha que estar be cheio e fazer bastante barulho: aí não dava jeito pra pensar nem pra falar. E se a Pôzinha insistia e começava a gritar no ouvido dele "Ipo, eu queria te dizer...", ele logo olhava p relógio:

— Tenho que pegar um avião pra Paris (pra Londres ou pra Frankfurt). — Largava a Pôzinha no meio da pista; sumia.

A Pôzinha voltava sozinha pra casa, achando, pela madrugada afora, tão bacana o jeito do Ipo viver. E se apaixonando cada vez mais por ele. E pelo casarão dele. E pelo avião dele. E por tudo que é lugar que ele andava, Londres, Paris, Frankfurt.

Numa dessas, o Ipo voltou de viagem e deu de cara com a Pôzinha:

O que que você ainda tá fazendo aqui em casa?

Esperando pra falar com você.

O quê?

Queria te dizer muito obrigada.

Ah, esquece.

A Pôzinha olhou apaixonada pra ele:

Eu queria te perguntar como é que a gente vive assim feito você.

Trabalhando, ué.

A Pôzinha baixou a cara: estava crente que ele ia dizer "casando comigo, ué". O Ipo quis saber:

— Por quê? Você quer um emprego? A Pôzinha continuou de cara baixa.

— Tenho fábrica de carro, televisão, iogurte e capim em lata: onde é que você quer trabalhar?

E quase chorando a Pôzinha respondeu capim em lata.

O Ipo deu um emprego pra Pôzinha e fez outra viagem comprida. Quando voltou todo mundo só falava no jeito que a Pôzinha trabalhava e nas coisas que ela inventava pra fábrica de capim em lata produzir mais. O Ipo então foi se encontrar com ela.

Então, Pôzinha, tudo bem?

Puxa, Ipo, você tá igualzinho.

Mas você engordou.

Ah, Ipo, que saudade!

Pera aí, não me amarrota o paletó.

Ai! que espetadela foi essa?

O alfinete da gravata.

Você agora também usa alfinete?

Queria levar você comigo, sabe...

Eu sabia que você vinha me buscar!

...pra ir dançar na gafieira.

Dançar só?

— Mas não vai dar: apareceu um negócio pra tratar.

— A gente tem tanta coisa pra falar!

— Na volta, tá? Mas eu queria te dizer... —Volta de quê?

Vou viajar. Que eu vou te dar uma promoção.

Hoje?

Hoje mesmo: vou passar você pra gerente de fábrica.

—Você viaja hoje?

No domingo.

Mas então a gente se vê amanhã.

Não vai dar: tenho um bruto negócio pra tratar. Mas que tal? não é uma boa notícia?

Então a gente se vê na sexta-feira.

Não é bom você ser gerente? Já soube que você é cobra pra negócio.

Na sexta, tá?

Na sexta não vai dar.

No sábado então: a gente tem tanto pra falar!

É véspera de viagem: muita coisa pra tratar. Mas, hem? não é uma boa notícia?

Mas, hem, Ipo, hem?! tem tanta coisa que eu queria te falar.

Tá combinado então.

No sábado?

— Não. Assim que eu voltar. O Ipo foi. Quando voltou, a fábrica de capim em lata era a que mais produzia. Ele ficou admirado; foi dar os parabéns pra Pôzinha.

-Oi!

— Oi, Ipo! até que enfim você voltou. — Mas quando foi abraçar o Ipo, ele veio de novo com aquela história de amassar o paletó, de negócio pra tratar, de não dá tempo pra dançar, e patati e patatá. Deu parabéns pelo sucesso do capim em lata, foi viajar outra vez e deixou ordem pra Pôzinha orientar outras fábricas dele. A Pôzinha se chateou demais dele não ter dado, já nem dizia um beijo, mas pelo menos um tchau. Desatou a trabalhar feito louca — o dia todinho — pra ver se esquecia um pouco do Ipo. E de noite fazia curso de administração de empresas. E quando saía do curso ia trabalhar numa agência de publicidade que ela tinha criado. Era lá que acabava sempre dormindo de tão cansada. Virou a casa dela.

E então ela mandou botar o Z de Zuleica na entrada.

Todo mundo foi ficando bobo com o talento que a Pôzinha tinha pra negócios; onde ela botava a pata o lucro aumentava. Quando o Ipo voltou pro Brasil, tratou de ir logo falar com ela. E aí ela deixou ele esperando um tempão. De propósito. Quando, afinal, mandou ele entrar, ele começou a reclamar:

— Escuta aqui, que que há, hem, Pôzinha?

— Alto lá! não sou mais Pôzinha: agora sou a Dona Popô. Dei festa e tudo pra mudar de nome. Uma festa linda, você precisava ver.

O Ipo tirou o alfinete da gravata, limpou a unha com ele e disse:

— Ah, é?

— Festa à fantasia, sabe, gente e bicho assim! — Acendeu um charuto na calma, jogou a fumaça pro ar que nem o Ipo jogava, e contou: — Eu me fantasiei de rainha. Com manto vermelho e tudo. No fundo da sala tinha um trono, e em cima do trono estava escrito Pôzinha com letra dourada. O acento do Pô era uma coroa, sabe, cheinha de água-marinha, e aí, quando eu fui andando pro trono, começou a cair dinheiro do teto feito pétala de rosa, foi lindo-lindo, você precisava ver. E tinha orquestra tocando essas músicas que você gosta, e quando eu sentei no trono veio empregado de luva me acender o charuto com um isqueiro de ouro igualzinho ao seu. E aí, sabe, eu soprei a fumaça no Pôzinha e tudo que é letra desmanchou, foi lindo-lindo, só ficou a coroa do Pô. E nessa hora o teto abriu e desceu um empregado da fábrica de capim em lata vestido de anjo — uma beleza! — todo mundo até fez hmm! e aí ele tirou da asa uma pena dourada e no lugar que tinha Pôzinha ele escreveu Dona Popô, deixando a coroa do Pô bem em cima do Pô. Foi bonito à beça. - Ah, é?

Ela deu uma risadinha:

— De modo que, agora, já sabe: querendo falar comigo tem que chamar pela Dona Popô. E como eu ando até aqui de trabalho, na certa você vai ter que esperar. — Foi assim mesmo que a Pôzinha falou. Só pra chatear. E aí o Ipo olhou bem no olho dela e disse:

_ Eu também dei uma festa, sabe, só que foi de casamento. - Enfiou o alfinete na gravata. — O meu. - E saiu. Sem contar nada da festa. Só pra chatear.

A Dona Popô teve uma dor-de-cotovelo histórica. E ainda por cima o Ipo tirou ela das empresas dele, dizendo que ela estava ficando muito poderosa, e que mais cedo ou mais tarde mulher bota tudo que é negócio a perder, e que mais isso e mais aquilo. A Dona Popô descontrolou:

— Mas então, depois de dar o murro que eu venho dando esse tempo todo pra aumentar o dinheiro dele, a paga é essa?! — E teve uma enxaqueca monstro (de mágoa; de pura mágoa). Não adiantou chamar médico, padre,

curandeiro, não adiantou tomar tudo que é remédio que mandaram: a cabeça parecia que explodia. E quando a Dona Popô achou que não ia mais agüentar tanta dor, se lembrou da banheira e mandou chamar o Inventor.



O Inventor E A Banheira

Um dia no escritório da Dona Popô. Vinha vender uma máquina que ele tinha inventado. A Dona Popô era louca por máquina: mandou o Inventor entrar.

Ele era magrinho, já meio velho, casaco do tempo de estudante, calça pedindo uma passada-a-ferro-pelo-amor-de-deus. A Dona Popô olhou pra ele de cara feia. O Inventor nem percebeu; abriu a maleta, tirou retrato e folheto velho, foi mostrando um por um. Sem falar. Só o olho brilhando. Com uma esperança danada.

A Dona Popô olhava pro papel, olhava Pro Inventor, fechava mais a cara, acabou se irritando:

O senhor pensa que eu tenho tempo pra brincar? por que que o senhor não disse logo que vendia banheira? Eu quero é máquina, ouviu! e máquina, pra mim, só muito sofisticada. — Fez gesto de pata mandando ele embora: — Banheira! ora já se viu...

Um momentinho, Dona Hipopótama...

Popô, faz favor.

Pois não: Dona Popô. Não pense que a minha máquina é uma banheira feito as outras; brasileiro só gosta de chuveiro, então eu ia inventar uma banheira que só serve pra tomar banho? A minha máquina tem forma de banheira pra ficar mais segura. Eu pensei em tudo. Não foi à toa que eu levei 39 anos inventando essa máquina.

A Dona Popô olhou pra ele: —Trinta o quê?

Trinta inventando e nove aperfeiçoando. Olhe aqui — mostrou de novo um folheto —, cada ano eu melhoro mais o sistema elétrico.

O que que ela faz?

Quem?

A sua banheira!

Ah. Ela vira mágoa em outra coisa.

O quê?

Parece esquisito, mas não é. O problema é que eu nunca sei me explicar direito, mas o meu invento é isso mesmo: uma banheira transformadora de mágoa. A senhora está compreendendo como é que é?

Não.

Bom, é o seguinte: a minha banheira transforma... Não, eu não comecei bem, deixa eu começar de novo: quando a gente liga os fios da banheira... Também não: deixa eu começar outra vez. Bom, mas quem sabe é melhor eu me explicar um pouco antes de explicar a minha banheira? É, é melhor. Eu inventei essa máquina, sabe, porque eu era um sujeito, quer dizer, eu ainda sou um sujeito que se magoa à toa, à toa, à toa. A senhora está compreendendo como é que é?

Não. Nem estou mais interessada. Passe bem.

Um momentinho! E então, sabe, eu vivia tão magoado com tanta coisa que vai pelo

mundo afora que um dia eu achei que era uma pena não transformar essa mágoa em outra coisa, está compreendendo como é que é?

— Já disse que não.

— Bom, é assim que nem o sol: forte, imenso, batendo o dia todo em cima da gente a gente não transformando ele em nada, está compreendendo?

— Naaaaaaaaaaão!

—É que eu não sei me explicar direito, o problema sempre foi esse. — A Dona Popô começou a assinar umas cartas. O Inventor pegou a pata dela: — Mas eu vou ver se eu me explico melhor.

— Larga a minha pata.

— Escute, foi assim, um dia eu tive uma idéia: o jeito era transformar aquela mágoa toda que eu vinha sentindo numa outra coisa. E foi aí que eu inventei a banheira. Pra mim e pra todo mundo que se magoava. — A Dona Popô fez força com a pata. Ele gritou: — Pra senhor também! — A Dona Popô olhou de rabo de olho pra janela; viu a cabeça do guarda-costa: ficou mais aliviada e procurou disfarçado uma campainha que tinha no chão. O Inventor

suspirou tremidinho e baixou a voz: — Faz de conta que a senhora é feito eu, se magoa à toa. Aí a senhora deita na banheira. Se concentra. Resolve que vai transformar a sua mágoa numa pesquisa científica, ou num belo livro, ou numa descoberta médica. — Riu: — Imagina a senhora usando aquela força toda da sua mágoa pra querer acabar com o câncer? ou pra acabar com a fome que vai pelo mundo? Imagina! — E só de imaginar ele ficou tão contente que abraçou a Dona Popô!

— Me larga!! Ele largou:

Desculpe, eu sou uma pessoa meio desajeitada.

Já deu pra ver. E já deu pro senhor sentir que eu não estou interessada na sua banheira, não deu?!

E que a senhora não está compreendendo o alcance do meu invento, o problema é esse. A coisa funciona assim, presta atenção: A) Vamos imaginar que a senhora se magoa com o seu marido. A senhora é casada?

A Dona Popô ficou olhando pra cara do Inventor. Ele olhou pro tapete vermelho, coçou a cabeça:

— Quem sabe é melhor a senhora se magoar com uma amiga em vez de se magoar com um marido? É, é melhor. A) Então a senhora se magoa com uma amiga. B) Em vez de ficar pensando na mágoa, a senhora se mete na banheira e resolve transformar a sua mágoa numa vontade de acabar com a pobreza que vai pelo mundo. — Debruçou na mesa; o olho brilhou: — Mas quem sabe a senhora prefere acabar com a poluição? Hem? - A Dona Popô continuou sem mexer a cara. O Inventor tirou um cartão do bolso: — Olha, eu preparei uma listinha das coisas que eu acho importantes pra melhorar o mundo. Tem de um a dez pra senhora escolher. Tá aqui: cinco de cada lado. — Botou o cartão em cima da mesa. — Ah, um momentinho, com licença. — Pegou o cartão, dobrou a ponta. — Prontinho. — Anunciou: — C) Prendemos os fios em tudo que é lugar que a mágoa dói: coração, cabeça, fígado, etc. E aí é só pensar na mágoa que a senhora leva um choque.

A Dona Popô estremeceu sem pensar. O Inventor deu uma palmadinha carinhosa na pata dela:

Não precisa ficar com medo, eu vou estar perto. — Ficou segurando a pata da Dona Popô e explicou: — O choque só pára se a senhora começa a pensar o que que pode fazer pra ajudar a acabar com a pobreza. Ou com a

poluição. Ou...

Quer fazer o obséquio de largar a minha pata!

E claro que a duração do tratamento depende da mágoa: quanto mais funda, mais choques são necessários. Não, não, não! não fique aflita; dói um pouco mas eu garanto o resultado. Cem por cento de garantia ou o seu dinheiro de volta. Quando o tratamento acaba, a senhora sai da banheira sentindo, em vez de magoa, uma vontade maravilhosa de acabar com a pobreza. Ou com a poluição. Ou... taí a minha listinha, taí: tem de um a dez pra senhora escolher. — Empurrou o cartãozinho pra Dona Popô e começou a cantarolar a lista com voz desafinada, esticando a pata da Dona Popô cada vez que esticava uma palavra:

Vontade de acabar com a violeeeeeeeeeência

Vontade de acabar com o machiiiiiiiiiismo

Vontade de acabar com as doeeeeeeenças

Vontade...

— De acabar com o senhor, isso sim! — E a Dona Popô deu um puxão de pata, tocou a campainha e mandou o guarda-costa botar o Inventor no olho da rua. Nunca mais pensou no assunto. Mas quando tudo que é remédio falhou pra livrar a Dona Popô da tal dor-de-cotovelo-e-cabeça, ela se lembrou da banheira e deu ordem:

—Quero falar com um fulano inventor de uma banheira que transforma mágoa não sei em quê. Quero ele aqui. Já! Com banheira e tudo.

O Inventor andava viajando pelo interior. Só voltou no dia que o Vítor foi na Z vender o anúncio de sabão em pó. E foi justo quando o Vítor se engasgou e sumiu lá pra baixo do tapete vermelho que o Inventor entrou no escritório da Dona Popô.



O Reencontro

Quando o Inventor entrou, a Dona Popô já ficou mal-humorada: ele estava mais magro, a maleta mais velha, a roupa mais amarrotada.

Pelo jeito o senhor não tem vendido muita banheira, não é?

Mês passado vendi uma. — Abriu a maleta. — Olhe só que carta bonita o comprador mandou pra mim. — Deixou a maleta no chão e foi mostrar a carta pra Dona Popô. — Ele conta aqui na carta como foi bom se livrar da mágoa do filho (eles tinham tido uma briga séria, a senhora está compreendendo como é que é?) e diz que anda muito feliz agora: faz parte do Comitê Internacional Contra a Violência. — O olho acendeu, a voz cochichou contente: — Ele escolheu o número um da minha listinha.

A Dona Popô leu a carta sem mexer a cara. Disse "hmm" quando acabou. Depois perguntou:

— Cadê a banheira?

— Tá lá fora: a senhora não disse pra eu trazer?

E por que que já não entrou com ela?

Mas a gente vai instalar ela aqui?

— Claro! eu não posso perder tempo, tenho um monte de trabalho pra fazer.

Mas isso não pode ser assim, Dona Popô.

Por quê?

O tratamento precisa concentração.

Minha cuca é muito grande: metade se concentra, a outra metade trabalha; traz essa banheira de uma vez!

Mas o tratamento às vezes leva muito tempo e...

Mais uma razão pra começar logo com isso, anda!

O Inventor foi buscar a banheira. Mas a instalação levou um tempão: o Inventor não parava de prender fio, de arrumar tomada, de ajeitar luz, de medir cabeça, pata e orelha da Dona Popô. E ela cada vez mais irritada:

— Anda com isso, anda com isso, a minha cabeça tá estourando!

Lá pelas tantas ele anunciou que estava tudo pronto e que ela podia entrar.

Cuidado pra não escorregar. Me dê a pata. — Ajudou a Dona Popô a se instalar na banheira e perguntou atencioso: — Onde é que dói?

O quê?

A mágoa, onde é que dói?

Na cabeça, já disse! Mas dói também no coração, na orelha, no olho, no fígado... — E onde a Dona Popô ia apontando o Inventor ia prendendo fio. De repente ela se apavorou: — Vê lá se vai me eletrocutar, hem?

Pode deixar. — Juntou ponta de fio feito quem faz um buquê de flor. — Pronto, agora é só ligar a chave geral. — Debruçou: — Muito bem, vamos lá: a senhora quer transformar a sua mágoa em quê?

— Dinheiro. — E a orelha deu uma tremidinha.

O Inventor levou um choque. Mas depoi teve uma esperança:

Dinheiro pra quem?

Pra mim, é claro! O senhor quer que e faça dinheiro pros outros, é?

Mas, Dona Popô, a senhora já tem tanto dinheiro.

Bota essa geringonça pra funcionar! Não é da sua conta o dinheiro que eu tenho ou não tenho.

Eu sei, desculpe, mas é que a senhora não entendeu a minha explicação: eu só vendo banheira pra cliente que aceita a minha listinha.

Tá na hora de parar com essa besteira.

O problema, Dona Popô...

...é que você não bota esse troço pra funcionar. Anda com isso, esses fios tão me metendo aflição!

— Um momentinho, eu já vi que a senhora não teve muito tempo de estudar a minha listinha. —Tirou um cartão do bolso. — Mas tá aqui, ó: tem de um a dez pra senhora escolher. — E já começou a cantarolar:

Vontade...

Enquanto o Inventor "cantava vontade" lá em cima, lá embaixo do tapete vermelho o Vítor ia tomando coragem pra voltar. Tinha levado muito tempo pra se livrar do engasgo; e tinha ficado desesperado: "como é que eu vou aparecer na televisão, como é que a Dalva vai olhar pra mim se eu continuo me engasgando assim?". Mas quando a tosse acalmou (e a unha não quis mais cavar) ele resolveu que o jeito era voltar e enfrentar de novo a Dona Popô pra ver se vendia o tal anúncio. Botou a cara pra fora do tapete; espiou.

A Dona Popô chutou longe a lista do Inventor:

É dinheiro que eu quero, é dinheiro! Liga esse negócio de uma vez!

Não posso, Dona Popô, eu passei uma vida de sacrifício pra defender a minha listinha; não vou desistir dela agora que eu tô velho. Mas olha, eu ainda não cantei ela toda pra senhora, escuta só que bonita que ela é:

Vontade de acabar com o raciiiiiiiiismo

Vontade...

A Dona Popô ficou uma fera. Puxou o braço do Inventor:

— Liga essa droga!

O Vítor achou tão esquisito ver a Dona Popô cheia de fio pendurado, metida numa banheira, que saiu inteiro do buraco, chegou perto pra olhar.

— Liga! Onde é que se liga? Me mostra! Liga!

—Não ligo!

A Dona Popô puxou o Inventor com tanta força, que ele foi de cabeça pra dentro da banheira.

De repente, o Vítor tomou o maior susto: achou que a Dona Popô estava querendo conquistar o tal sujeito, tão atracada assim com ele dentro de uma banheira. Pronto! não podia ter escolhido uma hora pior pra voltar. Só faltou morrer de vergonha. Correu pra sumir no buraco do tapete antes que a Dona Popô visse ele. Mas a pata, o olho, o coração, o pensamento — tudo tropeçou na maleta do Inventor. E o Vítor parou de estalo.

O Inventor esperneava, a Dona Popô puxava, um falava, outro gritava. Mas o Vítor não prestava atenção a mais nada: tudo tinha ficado com cara de

muito longe; perto só tinha uma coisa: a maleta do Inventor. Rodeou ela devagar. Mal podendo acreditar em cada marca, cada arranhão (no meio de outros que ele não conhecia), cada mancha que ele conhecia tão bem. E o fecho estragado. E o talho fundo e bem curto logo junto da alça. O olho olhava, e olhava. Então — já todo esquecido da banheira, da Z, até da Dalva — o Vítor alisou o couro da mala de olho fechado. Pra ver bem o que que a pata sentia. E a pata sentiu igualzinho feito no tempo de criança. A sensação foi tão gostosa que o Vítor achou que tinha tempo de sobra pra abrir a mala e curtir a fazenda franzidinha, o diário, as fotos; e ficou daquele jeito — como num sonho — fazendo festa devagar e de novo.

O Inventor se desesperou: — A senhora pensa que vai ganhar de mim, não é?! Não é?! — Juntou toda a vontade que tinha pra escapar da Dona Popô (ô mas que pata tão forte!); o esforço fez o coração doer esquisito feito coisa que estava rasgando. Mas o Inventor conseguiu pular fora da banheira. Arrancou tudo que é fio num puxão; saiu correndo, pegou a maleta no caminho, sumiu.

O Vítor abriu o olho pensando o que que ele ia examinar primeiro: o diário ou... Olhou. Olhou pros lados. Olhou pra trás. Olhou pra tudo.

A Dona Popô fez uma ginástica incrível pra conseguir sair da banheira.* Desabou na cadeira de rodinha. Tomou uma aspirina, "droga de inventor! é por causa dessa gentinha que o mundo vai ruim do jeito que vai". E quando acendeu um charuto, o olho encontrou o olho do Vítor. Ficham se olhando feito coisa que um não entendia por que que o outro estava ali. Mas a orelha da Dona Popô coçou um pouco parecendo que ia tremer, e aí a Dona Popô lembroií do comercial e mandou:

- Amanhã de manhã eu quero você aqui pra filmagem.

Filmagem?

E, é, é!

Ah! o sabão em pó?

- Não: xarope - e fez gesto de pata mandando ele embora.

- Mas...

— Amanhã, amanhã!

O Vítor ficou parado, louco pra perguntar se ela também tinha visto a mala da Vó aparecendo e sumindo. Mas cadê coragem? Suspirou e foi

embora.

* O médico vive dizendo que ela tem que fazer um regime.



Vida Nova Na Tv

O anúncio do xarope tinha historinha em três partes.

Primeira parte: O Vítor em casa. Tossindo desesperadamente. Já tinha experimentado uma porção de remédios e nenhum curava a tosse.

Essa parte não teve problema: o Vítor ficou tão nervoso de enfrentar câmeras, luzes, diretor, maquilador, gente por todo lado (pra não falar na aflição que ele andava com a história da mala da Vó aparecendo e sumindo), que teve um daqueles engasgos de deixar a cara dele cor-de-rosa, vermelha e roxa. Foi de arrepiar! nunca ninguém tinha visto um tatu mudando tanto de cor e tossindo tão fundo assim.

Segunda parte: A tosse do Vítor faz tanto barulho, que uma vizinha não pode dormir de noite. Ela então dá de presente pro Vítor um vidro de xarope Vida Nova. O Vítor toma. A tosse some na mesma hora. Igualzinho a conto de fada. Só que em vez da varinha fazer a mágica, quem faz é o xarope.

Essa parte foi terrível: deram tanto calmante pra tosse do Vítor parar, que depois ele não parava mais de dormir.

Terceira parte: O Vítor compra uma porção de vidros de xarope pra ter de reserva em casa. E vive feliz pra sempre.

Quando a Dona Popô viu o filme, pensou logo "a venda desse xarope vai disparar". E disparou. O comercial foi um sucesso! todo mundo fez estoque de Vida Nova em casa.

O Vítor se impressionou com o sucesso; telefonou pra Dalva. Ela gritou:

Vi você na tevê! Vi você na tevê! Adorei. A minha dona já comprou.

Você tá com tosse?

— Eu não, mas a tevê não disse pra gente comprar?

Aí o Vítor não agüentou mais: se agarrou no telefone e desabafou:

— Dalva, eu quero te namorar!

-Tá.

O Vítor nem acreditou: -Tá??

— Tá, ué.

— Então eu vou aí te visitar! — e saiu voando. Puxa, até que enfim ele ia poder se declarar, pedir a Dalva em casamento.

A Dona-da-casa tinha saído; o Vítor cansou de bater na porta. A Dalva acabou levantando do sofá pra atender; mas voltou depressa pro estampado. O Vítor pulou pro sofá. E aí começou a desabafar tudo que há tanto tempo ele estava querendo dizer. A Dalva mandou ele ficar quieto. Ele não ficou. Ela se zangou, não estava podendo ouvir o que a tevê dizia. O Vítor foi ficando aflito: depois de tanta luta pra chegar no sofá estampado ele não ia poder desabafar? tão aflito que acabou levantando o almofadão e desatando a cavar. Justo na hora da Dona-de-casa ir chegando. E aí ela teve o tal choque e a Dalva fez a tal apresentação: "Esse é o meu novo namorado."



O Engasgo Do Vítor Vai De Mal A Pior

O Vítor cavou fundo, sumiu lá pro passado, e quando voltou o namoro com a Dalva continuou igualzinho: se ele escrevia carta, ela enfiava lá pra dentro do sofá; se ele telefonava, ela nunca podia falar: "o pessoal do concurso vai ligar"; e na hora da visita ele também não podia abrir a boca: levava logo um psiu.

Um dia teve um corte de luz e a tevê apagou. Cinco minutos. Aí o Vítor aproveitou e disparou a falar da floresta dele, que bonita que era ela, as árvores todas que tinha, e mais isso e mais aquilo, e pediu mais uma vez pra Dalva marcar o casamento. Ela ofereceu caramelo:

- Quer?

— Não, obrigado.

E o negócio do casamento ficou sem solução porque a luz voltou.

O Vítor começou a emagrecer.

A Dona Popô chamou ele na Z. E avisou:

— Você vai anunciar um cigarro novo: Status. E assim: você fuma outros cigarros, tudo irrita a sua garganta, você tosse à beça: aí você muda pra Status: não tosse nunca mais.

O Vítor quase morreu de tossir pra poder anunciar e fumar o tal de Status. No meio da filmagem, a unha não agüentou: cavou. A Dona Popô deu ordem de aproveitar a cena de cavação pra um comercial de cavadeira elétrica: de uma filmagem só tirou dois anúncios; e a orelha da Dona Popô tremeu que só vendo.

Começaram a mostrar o anúncio do Status a cada cinco minutos na tevê. Todo mundo apontava o Vítor na rua.

— Olha o tatu da tevê!

O Vítor só faltava morrer de encabulamento; a unha não queria mais parar de cavar; de manhã a garganta já acordava coçando.

O Status desatou a vender. E aí a Dona Popô usou o Vítor pra anunciar Queijo Oblivion, Vodka Bliss e Cerveja Plus.

E depois usou o Vítor pra anunciar pasta de dente, aparelho de barba, desodorante, toalha, sabão, sabonete.

Alugou o Vítor pra anunciar em Porto Alegre e Belo Horizonte.

Vendeu o Vítor 15 dias pra Curitiba.

Fechou contrato com o Vítor pra Portugal.

Emprestou o Vítor pro governo anunciar que o agricultor brasileiro devia cavar e plantar mais.

O Vítor foi ficando num tal estado de nervos de ser tão alugado-vendido-emprestado que já não parava mais de se engasgar. E era só subir pro sofá estampado que já começava a tossir. A Dalva foi ficando irritada:

— Quer parar com isso, Vítor?!

O Vítor apertava focinho, orelha e tudo que é buraquinho pro engasgo não sair. Mas, quem diz?

— Pára, sim? Pelo amor-de-deus!

O Vítor se enfiava no buraco do sofá pra tossir lá dentro e não fazer barulho. Mas a essas alturas o engasgo já era tão grande que o sofá sacudia todo de tosse.

— Quer parar de sacudir o sofá?! — Depois que o Vítor ia embora a Dalva desabafava: — Não tá dando mais pra agüentar.

Comer? O Vítor não podia: a tosse logo empurrava a comida pra fora. A carapaça já andava balançando de tão magro que ele estava. Uma tarde olhou bem pra cara dele no espelho; se achou o fim; chorou; engasgado mas chorou; e só parou porque a Dona Popô chamou ele na Z.

A Dona Popô olhou fundo pro Vítor quando ele entrou. Achou que ele estava caindo aos pedaços. Acendeu um charuto. Olhou pra fumaça. Mas quem sabe ainda dava pra aproveitar qualquer coisa?

E a Dona Popô aproveitou a unha do Vítor pra anunciar esmalte.

Aproveitou pra anunciar mala grã-fina com alça de rabo de tatu.

Aproveitou a orelha do Vítor pra anunciar cotonete.

Do Rio Grande ao Amazonas tudo que é telespectador começou a

reclamar: "Puxa, esse tatu tá enchendo! Toda hora a gente dá de cara com ele na tevê."

Quando o Vítor voltou na Z, a Dona Popô mandou um recado: "Não tenho mais tempo pra falar com ele. Nem vou ter."

O Vítor procurou outras agências: em vez de mandarem ele entrar, mandavam recado: "Ele não interessa mais: a tevê já espremeu tudo que ele podia dar."

E numa quinta-feira, depois do almoço, a Dalva também mandou recado. Quando o Vítor chegou pra visita a Dona-da-casa só abriu um fresta da porta e falou:

— Vítor, meu filho, não leva a mal, mas a Dalva não quer mais ver você.

O choque foi tão grande, que levou tempo pro Vítor perguntar:

O que que aconteceu?

Bom, você sabe como é que é, não é?

Não.

E que a tosse faz barulho, sacode o almofadão, atrapalha a Dalva no sofá.

Ah. — E tossiu.

Sabe, meu filho, tem uma coisa que você precisa compreender: tosse não combina com tatu; e vice-versa.

Mas o que que eu posso fazer? Tosse a gente não segura.

Bom, isso é.

Mas assim mesmo ele quis segurar a tosse: a fala saiu esquisita, toda espremida:

E se eu não tusso?

Que que tem?

Aí a Dalva vai querer me ver?

Não. Ela diz que não tem mais condição; mesmo sem engasgo; mesmo sem cavação.

Quem sabe eu falando com ela...

Mas ela não quer mais falar com você.

— Nunca mais?

A Dona-da-casa sacudiu a cabeça. Ficou olhando o Vítor tossir. Depois recomendou:

—Você tem que tomar aquele xarope do anúncio.

Já tomei uma porção.

Ah. Cuidado, Vítor!

Que foi?

Olha a sua unha cavando o chão; vai ficar um buraco bem na frente da minha porta.

Foi sem querer, desculpe.

É melhor você ir andando, viu? E, olha, não adianta insistir: a Dalva não quer mesmo saber de você. Tchau, meu filho. Felicidades. — E fechou a porta.

O Vítor ficou ali de cara pra porta fechada até ver luz acendendo na fresta de baixo. E depois até ver luz apagar. Aí foi indo embora devagar. Andou muito pra cá, pra lá. Galo cantou. Lá pelas tantas o Vítor pensou: quem sabe voltando pra casa ele esquecia da Dalva? quem sabe voltando pra floresta dele (tão bonita! e agora ia começar o verão, não ia? chuva pesada de noite, manhã tão lavada, tudo mais verde ainda) o engasgo passava e a tristeza também. A unha riscou o chão pensativa. E... quem sabe tinha chegado a hora de voltar?

E sem saber muito bem se tinha ou não tinha, o Vítor foi indo embora, atravessando rua, dobrando esquina, deixando a cidade pra trás.



O Vítor Sonha Cinzento

De tanto o Vítor viajar sozinho e calado, o engasgo tinha descansado; a cabeça não: continuava pensando na Dalva; e se sobrava pensamento, era pra lembrar da Dona Popô, dos comerciais, das cartas lá dentro do sofá estampado, de tudo que tinha deixado ele tão infeliz. A viagem parecia que não acabava nunca mais. E quando no fim ele viu a floresta chegando, em vez de ficar contente, sentiu um cansaço danado. Dormiu na estrada. E sonhou assim:

Tinha nevoeiro na floresta, chão, capim, galho, era tudo cinzento. O pai saiu do nevoeiro de maleta profissional estendida e carapaça de plástico dentro. Tudo bem cinza. A mãe chegou perto e começou a chorar:

— Até que enfim você voltou! Nunca mais você vai me deixar, não é, Vítor? eu morro de saudades suas!

O Vítor baixou a cara. Viu uma lágrima cinzenta caindo no chão. O pai ficou cinza bem forte e falou:

— Hoje mesmo você vai começar a vender a nossa carapaça. Olha só o último modelo, que cor bonita, o pessoal vai adorar. E olha o plástico: é moderno, é bem fininho, estraga logo, todo mundo vai ter que comprar de novo, e de novo, e de novo: a gente vai fazer um mundo de carapaças de plástico!

A mãe gritou:

— O Vítor tá tossindo cinzento! O pai estendeu a maleta:

— Você não pode mais perder tempo, vai vender a carapaça, anda!

— Tá vendo? — a mãe chorou: — Bem que eu não queria que ele fosse viajar: agora ele se engasga tão cinza! deve ser a poluição da cidade que deixou ele assim.

O Vítor acordou apavorado. Só que em vez de lembrar do sonho ele lembrou da rua. A tal. Que um dia ele tinha achado e perdido. E nunca mais tinha encontrado. E depois tinha esquecido.

A vontade de encontrar de novo a rua foi tão forte que ele saiu correndo. Só querendo lembrar direito onde é que ia cavar pra achar logo a escada, parou: quem sabe era melhor já começar a cavar? E cavou.



O Vítor Acaba Ficando Com Uma Coisa Que Sempre Foi Dele

Vítor foi indo, foi cavando, mergulhando, se enterrando até encontrar de novo a escada. Olhou pra cima: o buraco abrindo pra rua, o céu com cara de chuva feito daquela outra vez; subiu.

E na rua continuava tudo quieto, parado. O mesmo cheiro de jasmim. O mesmo silêncio. A mesma impressão de que, lá no fim, de repente, alguém ia aparecer.

Só que agora o Vítor sabia que alguém era a Mulher que não tinha rosto, e desta vez ela ia levar ele junto, ah! isso ia. E então ficou olhando pro fim da rua e esperou.

Esperou. Esperou.

O vento começou a passar de um jeito que o Vítor logo lembrou do lenço de seda, voando, rodando, brincando no ar. E quando, de tanto esperar, ele já estava quase que vendo o lenço chegar, quem chega é o Inventor. Com a maleta na mão.

O Inventor veio descendo a rua com um jeito cansado; às vezes parava numa janela, espiava pra dentro, mas parecia nem se espantar de ninguém viver mais ali. O Vítor, sim: que espanto de ver aquele homem de novo (reconheceu ele logo) trazendo a mala da Vó! Não soltou mais o olho da mala, só vendo ela chegando e chegando.

O Inventor não tinha pressa; o Vítor, sim: queria ver tudo que é marca de novo, queria fazer festa no couro e desta vez queria ter tempo de abrir a mala e olhar dentro.

Quando o Inventor passou rente, o Vítor barrou o caminho e os dois se

olharam na cara. O Vítor tomou coragem e apontou:

Ela era da minha Vó.

O quê?

A mala.

Que que tem? você conhece esta maleta?

Era a mala da minha Vó. Quando eu era pequeno ela escreveu dizendo que ia mandar a mala pra mim. — Olhou pro fecho. — Mas nunca chegou.

O Inventor ficou parado; de repente tomou um susto:

—Você é o Vítor?!

O Vítor até se assustou:

— O senhor me conhece?

Em vez de responder, o Inventor riu. O Vítor ficou sem saber o que que dizia; tomou coragem de novo:

— Foi a minha Vó que deu a mala pro senhor?

O Inventor fez que não.

— Mas então como é que foi?

O Inventor botou a mala no chão e começou a apalpar os bolsos.

Um dia eu encontrei esta maleta abandonada num caminho lá na Amazônia. Tinha uma carta pendurada na alça. — Achou um papel sujo e rasgado. — Ah, tá aqui. — Deu pro Vítor. A carta dizia assim:

"PARA QUEM ENCONTRAR ESTA MALA
A dona desta mala morreu aqui defendendo
terra que era de índio, terra que era de
bicho, terra que era de planta. Ela pediu
para entregar a mala para o neto dela: o
Vítor. Ela diz que é importante entregar a
encomenda para ele. POR FAVOR! COLABORE."

Embaixo tinha um mapa feito às carreiras, desenhando rio, cascata, estrada sem nome; e tinha seta mostrando: "Floresta onde o Vítor mora."

— Mas não tem nome nenhum na estrada! — o Vítor falou.

— Pois é, foi só olhar pro mapa que eu vi logo que eu nunca ia achar a

tua casa. E então, sabe, eu peguei a maleta pra mim. Tá compreendendo como é que é?

O Vítor ficou contente:

Que bom que o senhor não deixou ela lá.

É mesmo. E aí eu pensei, bom, já que ela é minha, eu vou abrir, vou remexer, examinar; e examinei retrato, diário, li tudo que a tua Vó escreveu: e nunca mais quis me separar de nada que tem aí. E até acabei uma máquina que eu vinha inventando há mais de trinta anos. — O olho do Vítor se espantou. O Inventor achou graça: — Parece muito tempo, não é? mas quando a gente tá inventando, o tempo passa assim — estalou o dedo. E ficou quieto pensando.

E aí? — o Vítor quis saber.

Aí eu saí por aqueles caminhos do interior (que nem eu faço até hoje, não é à toa que eu ando cansado) pra vender o meu invento. — Fez gesto de cabeça pra mala: — Eu e ela. — Suspirou. — Mas agora que eu te encontrei, ela é tua.

Os dois ficaram olhando pra mala. — Que máquina é essa que o senhor inventou?

O Inventor começou a explicar a banheira. Mas o Vítor não escutou: tinha sentido o vento aumentando e um amarelo aparecendo no fim da rua. Olhou de canto de olho. Viu o lenço feito cumprimentando, feito anunciando que alguém ia chegar. O lenço sumiu. Apareceu logo de novo na mão da Mulher. Os dois vieram vindo, e a Mulher era igualzinha como o Vítor lembrava dela: sem rosto; manga, luva, gola, sapato — tudo fechando ela tanto! e o jeito dela andar também o mesmo: calma, firme, às vezes chutando a ponta da saia. Mas desta vez o lenço de seda estava mais agitado, subia, descia, voava na frente, tapando a Mulher.

O Inventor viu que o Vítor não estava prestando atenção; parou de falar; olhou pra trás. E ficou encantado com o lenço de seda, ô! coisa bonita aquele amarelo clarinho tão salpicado de flor. E quando o lenço chegou perto, engraçado, os dois — ele e o Vítor —

esqueceram o resto todo (esqueceram até da Mulher), só querendo brincar com o lenço. Cada vez que o Inventor pensava que ia pegar uma ponta, o lenço escapava, fugia pra cima, rodopiava, voltava; e cada vez que o lenço baixava e o Vítor pulava na pata querendo pegar, o lenço também

escapava.

A brincadeira foi indo. Foi indo. (E a Mulher sem parar, andando firme, do mesmo jeito, nem mais depressa, nem mais devagar.) Lá pelas tantas o Inventor conseguiu pegar uma ponta do lenço, ai! como era frio, quis soltar. Mas o lenço não deixou: enrolou firme na mão dele; segurou.

O Vítor parou espantado. O lenço puxou o Inventor. O Inventor quis voltar; o lenço apertou, foi puxando. O Inventor se virou. O Vítor viu medo na cara dele: correu pra ajudar. Mas a Mulher já ia dobrando a esquina — Ela, o lenço, o Inventor. O Vítor chegou logo atrás. Parou num susto: depois da esquina não tinha mais nada pra olhar.

O Vítor ficou ali parado na esquina.

Quem sabe tudo não passava de um sonho? e ele ia acordar.

Esperou. Continuou tudo igualzinho.

Quem sabe ele tinha imaginado aquilo tudo? a imaginação dele às vezes não andava a mil? Virou pra trás. A mala da Vó continuava no chão. Ele foi pra junto da mala; apalpou, alisou, abriu. E aí o olho riu contente da fazenda franzidinha (super-rasgada). E junto com folheto de banheira, com carta e papel do Inventor, o Vítor foi vendo de novo o diário de viagem, a lente, o álbum de fotos da Vó.

Mas então, se também não era imaginação, tudo era verdade. Não era, não?

O Vítor ficou muito tempo lendo devagar-bem-pensado o diário da Vó e tudo que é anotação que ela tinha feito. Examinou as idéias que a Vó curtia; as coisas que ela tinha descoberto como arqueóloga e ele nem sabia!

Aos poucos, devagarinho, foi dando vontade de começar onde a Vó tinha parado.

Olhou pra rua. Começou a achar horrível aquele cheiro de jasmim, o limo no telhado, o céu assim tão cinzento. E, só de pensar que podia encontrar de novo a Mulher e o lenço de seda, se apavorou; quis ir embora depressa. Atravessou o túnel correndo. Pra poder sair logo lá fora.

E lá fora era a floresta. Terra. Cheiro de folha. Sol. Um ar assim de que já choveu. O Vítor cheirou o ar: forte, bem forte; e cheirou de novo. Ficou parado. Se espantando de ter esquecido que lá fora era tão bom. E quando olhou pra unha viu que ela estava quieta, feito coisa que agora ia dormir muito tempo.

Foi a mãe do Vítor que viu primeiro ele chegando; e gritou de longe:

— E o Vítor voltando! E não é ele sozinho, não: é ele e a mala da Vó. — Correu. Abraçou o Vítor. Chorou.

O pai chegou de carapaça de plástico na pata. O Vítor olhou pra carapaça e resolveu que de chegada não era bom falar no assunto: empurrou ela um pouquinho pro lado e abraçou o pai. Contou muita coisa da cidade (mas cada vez que ia contar da Dalva a fala voltava pra trás), e quando a mãe perguntou:

— E o mar?

Ele tomou até um susto: tinha vindo embora sem nunca ter visto o mar. Desconversou. Contou mais um pouco de coisa. E depois foi dar um passeio: estava louco pra ver verde bem perto, e pra ver planta; e pra ver tudo que ele queria defender.

Só depois é que ele explicou na calma pro pai que agora ele sabia o que queria "e eu não quero mesmo vender carapaça, viu, pai?". E falou muito do trabalho da Vó. Contou que queria fazer uma coisa parecida. E o bom foi que ele falou tudo sem se engasgar e nem tão baixinho assim...

Aos poucos, o Vítor foi se esquecendo da Dalva, do sofá, da agência Z.

A hora de seguir o caminho da Vó foi ficando cada vez mais perto; um dia ele arrumou a mala e foi pra Amazônia.

Mas, às vezes, quando ele anda na floresta e vê o vento sacudindo uma folha, ele ainda lembra da orelha da Dona Popô; e outras vezes, quando ele encontra uma flor no caminho, a lembrança ainda dói pensando na Dalva e num

amarelo bem clarinho,

todo salpicado de flor,

ora é violeta, ora é margarida,

e lá uma vez que...

Este e-book representa uma contribuição do grupo para aqueles que necessitam de obras digitais, como é o caso dos Deficientes Visuais e como forma de acesso e divulgação para todos. É vedado o uso deste arquivo para auferir direta ou indiretamente benefícios financeiros. Lembre-se de valorizar e reconhecer o trabalho do autor adquirindo suas obras.



epub: ArmazémCultural

